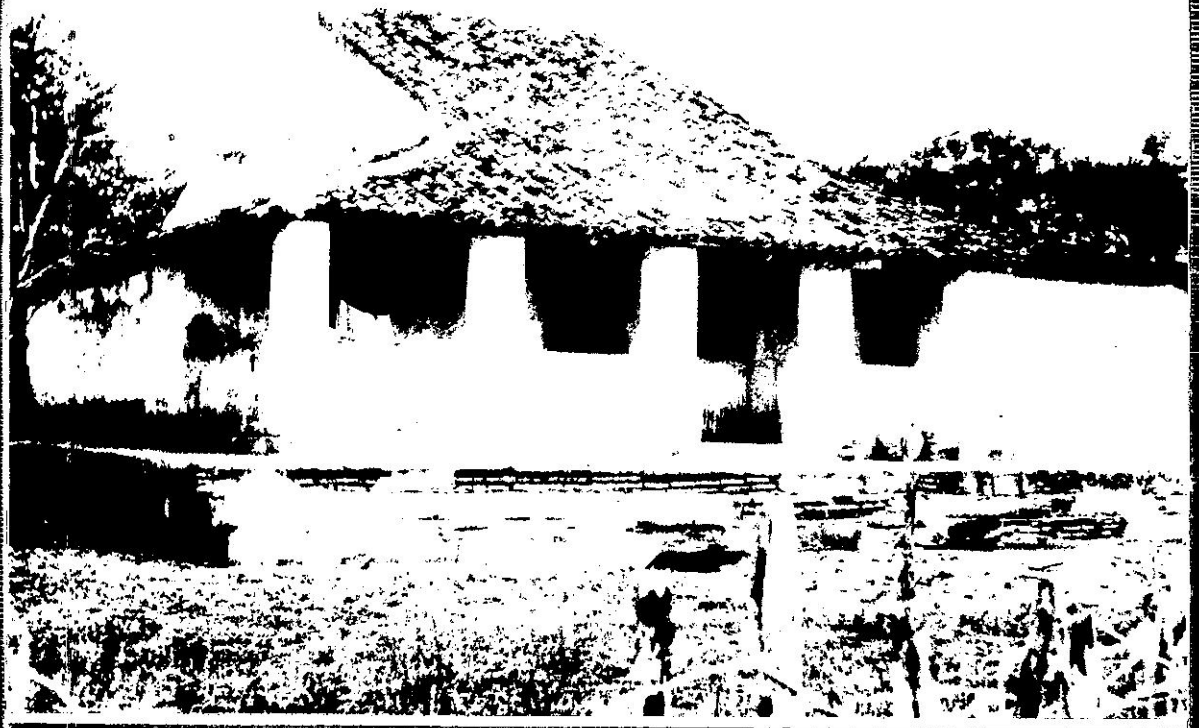
Forquilha
(de Sítio a Município)



Abelardo Cavalcante de Vasconcelos

Caríssimo conterrâneo
João Espasa, receba
este com a minha amizade
e o querer como lembrança
do humilde autor.

Aluísio
em 06-01-86

FORQUILHA

(De Sítio a Município)

ABELARDO CAVALCANTE DE VASCONCELOS

FORQUILHA

(De Sítio a Município)

FORTALEZA – 1986

- *Se você é consciente das coisas, por lei, por direito e por obrigação, tem segurança de si mesmo.*

- *Se não houvesse a morte e as coisas não mudassem, o mundo não teria sentido.*

- *O mundo ainda pertence aos que estão por nascer.*

- *O mundo não muda, nós é que nos mudamos para sempre.*

(Abelardo Cavalcante de Vasconcelos)

Abelardo Cavalcante de Vasconcelos

BIOGRAFIA DO AUTOR

ABELARDO CAVALCANTE DE VASCONCELOS nasceu a 7 de outubro de 1929, na Fazenda Cedro, propriedade de seu bisavô, Francisco Bezerra de Araújo. Em 16.06.1941, transferiu-se, juntamente com seus pais, Raimundo Cavalcante de Vasconcelos e Maria Bezerra de Vasconcelos, para a Vila de Forquilha. Teve uma infância marcada por hábitos e costumes sertanejos. Adolescente e jovem, empenhou-se dedicadamente ao trabalho na roça, encarando-o com responsabilidade e cultivando a moral como uma das mais expressivas virtudes do homem. Apesar do intenso trabalho, na Vila de Forquilha, conseguiu aprender as primeiras letras.

Em 1954 ingressou no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), na função de "trabalhador no campo". No ano seguinte foi convidado a prestar serviço como auxiliar de escritório, e, posteriormente, promovido a escrevente-datilógrafo, a escriturário, a agente administrativo, sucessivamente. Funcionário exemplar, sempre teve um ótimo relacionamento com seus superiores hierárquicos bem como com seus subordinados, detentor de méritos que lhe são conferidos pela sua dedicação e correção funcionais.

Em 1954, casou-se com Margarida Mendes de Siqueira, filha de João Militão de Siqueira e de Josefa Mendes de Siqueira. De seu matrimônio nasceram os seguintes filhos: Antônio Célio, Anastácio Wellington e Luiz Hildebrando.

Em 1962, concluiu o primário no Grupo José Guimarães Duque, em Forquilha. Em 1974, concluiu o Ginasial no Ginásio Vicente Loyola; 1977 o Curso de Técnico em Contabilidade na Escola Técnica de Comércio, na cidade de Sobral. Além desta especialidade profissional concluiu os cursos: Prático de Jornalismo, Relações Humanas, Cooperativismo, Contabilidade Prática (por correspondência).

Como historiador (sobre Forquilha) já publicou: "Forquilha-78" (1978); "FORQUILHA: origem e evolução" (1978), além do presente trabalho "FORQUILHA: de sítio a município" (1985).

Empunhou, desde 1982, a bandeira para a emancipação política de sua terra natal, divulgada por toda imprensa cearense, luta esta vitoriosa com a eleição municipal de 1985.

NOTA
(do filho sobre o autor)

Às vezes chego a pensar que ainda é muito cedo para falar de você, mas a importância do admirar faz com que eu pegue minha caneta e comece a escrever as primeiras linhas sobre seu trabalho, que tão bem conheço.

O seu jeito humilde e a sua fé fazem do impossível o possível, ao vencer os obstáculos, as barreiras difíceis que surgem à nossa frente, as quais, depois de vencidas, são-nos a glorificação e a motivação a cada trabalho realizado. Prosseguindo, tem conquistado uma visão mais ampla das coisas; nas trevas você encontra a luz, cuja energia vem de dentro de você, proporcionada por cada passo de sua vida de amor, o que tem sido a razão de sua individualidade.

Sua dedicação, seu amo àquilo que faz, seu esforço fazem com que você vença suas batalhas, e isto deixou-me uma lição que tão bem aprendi: "Quando se quer, o difícil fica fácil". Minha admiração ainda vai mais além, quando você prega: "O importante é ter fé".

Não são em vão suas noites de sono: lendo, meditando, escrevendo, revisando, naquela ânsia de levar à sua gente as origens, os hábitos, os costumes passados e que refletem no "modus vivendi" da sociedade forquilhense de hoje. Continue. . .

A batalha mais árdua você também venceu: **a da emancipação**; *tão ansiada, tão necessitada, tão discutida e questionada; mas você venceu e sua defesa por essa causa ficará na memória do povo forquilhense.*

Forquilha hoje é independente.

Por tudo isso eu lhe dirijo os meus **parabéns**, *papai, você tem atingido seus objetivos. . .*

Hidebrando Cavalcante

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, produto de muitas horas de estudo, pesquisa e reflexão, a minha esposa Margarida Mendes Cavalcante, companheira da felicidade da nossa união conjugal, e aos meus queridos filhos: Célio, Wellington e Hidebrando, combatentes dos obstáculos e das barreiras que surgem à nossa frente.

Abelardo Cavalcante de Vasconcelos

AGRADECIMENTOS

Para elaborar este trabalho, necessitei da inestimável colaboração de muitos conterrâneos e de alguns que, embora filhos de outras plagas, vivem os nossos anseios, as nossas alegrias e as nossas desventuras; e é para essas pessoas que dirijo os meus mais sinceros agradecimentos, pois, sem a colaboração de vocês, meu trabalho estaria seriamente comprometido...

Minha gratidão a

Revmo. Pe Gonçalo Gomes de Pinho ("Forquilha tem direito de ser Município");

Engenheiro Civil Virgílio Pinheiro ("Memória Justificativa do Açude Sabonete"), publicada em 9 de novembro de 1934;

José Ribamar de Lira Pessoa e Raimundo Nonato Alves Pereira, ambos historiadores (Dados informativos sobre a habitação e colonização dos antepassados do Distrito de Forquilha, nos séculos XVII, XVIII e XIX);

Luís Ferreira de Melo (Dados informativos com referência à Fazenda Salgado dos Melos);

Jornalista Silvana Ximenes Frota (Reportagem: "Forquilha quer ser Município");

Francisco Nereś Prado (datilógrafo) e a

José Maria Gomes Loiola (revisor).

A.C.V.

SUMÁRIO

pág.

Prólogo 15

Apresentação 17

Introdução 19

I) – SÍTIOS 21

1. Arapuá
2. Escondido
3. Forquilha
4. Santa Izabel
5. São Félix
6. Vila Nova

II) – FAZENDAS 25

1. Amazonas
2. Andreza
3. Arrebira
4. Barreira
5. Cacimbinha
6. Caiçara
7. Cantos
8. Coqueiro
9. Humaitá
10. Ipiranga
11. Juazeiro
12. Oficina
13. Oriente
14. Pilões
15. Pocinhos
16. Rocha
17. Rochinho
18. Salgado dos Melos
19. Salgado dos Mendes
20. Sereno
21. Tamanduá
22. Timbaúba
23. Várzea da Cobra
24. Várzea do Garrote
25. Vencedora

III) – ANTIGAS CASAS

IV) – GENEALOGIA

V) – COSTUMES E HÁBITOS ANTIGOS
1. Ontem e Hoje
2. Mascaradores
3. Ceia larga

VI) – DIVERSÕES
1. Passatempo
2. Forrós da ribeira

VII) – SECAS
1. Anos secos
2. Rebentão
3. Seca de 1983
4. Alto Sufoco

VIII) – TRANSPORTE
1. Carro de boi
2. O jegue e o burro

IX) – SOCIEDADE
1. Elegância
2. Grêmio Recreativo Forquilhense

X) – EDUCAÇÃO
1. Ensino das fazendas
2. Nem todos sabem
3. Grupo Escolar José Guimarães Duque
4. Ginásio Vicente Loyola
5. Desfile Estudantil
6. Entrega de certificados
7. Quem é Mons. Sabino

XI) – EVENTOS
1. Exposição agropecuária
2. Dia do Pescador
3. União Futebol Club (aniversário)
4. Cinqüentenário de fundação da Vila Forquilha

XII) – REMINISCÊNCIAS
1. Coisas que o tempo levou
2. Relato
3. Catequese
4. Sabatina da tabuada
5. Sete Estrelas
6. Troncho
7. Futebol de meu tempo
8. A arte de cego
9. Memória de uma criança

XIII) CONSTRUÇÃO DO AÇUDE PÚBLICO FORQUILHA 68

XIV) POSTO AGRÍCOLA DE FORQUILHA 69

XV) FORMAÇÃO DA VILA 70

XVI) CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO 71
1. Emancipação política de Forquilha
2. Apoio dos estudantes
3. Encaminhamento do processo
4. Virgílio Távora recebe comissão
5. Resposta do IBGE
6. Forquilha tem direito de ser Município
7. Plebiscito em Forquilha
8. Independência com humorismo

XVII) FORQUILHA (descrição atual) 77
1. Nome
2. Emancipação política
3. Localização
4. Açude Público Forquilha (características)
5. Aspectos físicos
6. População
7. Religiosidade
8. Sociedade
9. Assistência médica e odontológica
10. Educação
11. Comunicação
12. Habitação
13. Transporte
14. Lazer
15. Economia
16. Trapiá (distrito)

XVIII) – NOTAS HISTÓRICAS 81

XIX) – PRIMEIRA ELEIÇÃO 113

PREFÁCIO

José Maria Gomes Loiola

Forquilha recebe de um dos seus mais queridos filhos um presente inestimável: sua HISTÓRIA. Coincidência ou não, mas é exatamente neste ano que este Distrito consegue sua independência política, o que há muito se fazia por merecer.

Estendendo o trabalho anterior (FORQUILHA: origem e evolução), Abelardo Cavalcante dissecou o município, denominando ruas, várzeas, sítios, fazendas, açudes, monumentos e narrando sequencialmente desde a chegada dos primeiros colonizadores até o estágio atual. Localizou em cada estância os fundadores e exploradores primitivos, registrando-lhes os hábitos, costumes, etc.; formalizou a genealogia das mais diversas famílias que habitam o município, reatou seus laços com o passado, revivendo os divertimentos e os locais de encontro da sociedade de sua geração, e narrou os passos dados pelas nossas instituições educacionais.

Este documentário suscitou-me duas felizes reflexões: a primeira é a de que Abelardo Cavalcante é um amante incondicional de sua Terra, revelando isso em sua singular preocupação com o progresso do FORQUILHA, e a disposição de deixar para a posteridade a imagem de sua cidade de ontem e de hoje, para que, quando grande, seus filhos lembrem-se de que existiu um passado; a segunda prende-se ao fato de termos a honra de documentar nossa origem e evolução, para não engrossarmos o rol das cidades, povos, países que até hoje são órfãos, quando não de origens duvidosas.

Saliento, ainda, que historiar é um pouco mais difícil do que ler; por isso é que sugiro principalmente aos conterrâneos a leitura desta obra, pois, quem ler a História também é sujeito dela, não sendo este um privilégio somente de quem a faz. Objeto da História, concluindo o silogismo, é quem nem ler e nem faz.

Aí está o livro. Seu valor não será o dado pelas formalidades da impressão, do lançamento ou do preço, mas o dado pela originalidade e perenização do conteúdo.

APRESENTAÇÃO

Como os homens, as coisas têm sua história. Fundamentado nesta história e alicerçando o presente e o futuro, escrevi este trabalho para divulgar a evolução e as realizações de um povo, que antes não conhecia um pouco do passado de sua Terra Natal.

Esta edição focaliza: nomes de pessoas, datas, épocas, costumes, hábitos, religiosidade, tragédias, epidemias, episódios, estiagens, imigração, genealogia, política, estudo e evolução social e muitos outros aspectos que motivam o conhecimento do passado e a reflexão no presente.

Acredito que a obra, em si, é e será agradável principalmente àqueles que consideram a História como uma das ciências mais importantes e atraentes; no entanto, não é de nossa intenção que este trabalho esteja perfeito e completo. Apelamos ao leitor para que conosco contribua para diminuir as distorções ou omissões.

Saberemos do valor de nosso esforço não só pela aceitação dos conterrâneos de hoje, mas também dos do futuro.

Se mérito tem, ele perdurará; se não, o tempo corroê-lo-á.

A.C.V.

INTRODUÇÃO

A região de Forquilha foi colonizada pelos portugueses Diôgo Henrique de Siqueira, Antônio Martins Viana, Francisco Lopes Teixeira, Domingos Paiva Dias, Manoel Ferreira Torres, Marques Pereira de Vasconcelos e muitos outros.

Estes homens vieram de Portugal para o litoral de Pernambuco e Bahia, e depois deslocaram-se para as terras do vale do Rio Acaraú, com o objetivo de explorarem as terras com a agricultura e com a pecuária.

Casaram-se com moças cearenses, constituíram famílias, e deixaram uma prole bastante elevada, como foi o caso de Diôgo Henrique, Antônio Martins e Francisco Lopes.

Nada consta que estes portugueses adotaram a escravidão a rigor, pois a maioria deles fugiu de Portugal, talvez até mesmo por faltas.

Os antepassados da região foram exemplares, não cometeram crimes e sempre viveram em torno de seus familiares na maior tranqüilidade. Na região de Forquilha reside um povo muito pacato e hospitaleiro.

Antes dos portugueses chegarem à nossa região, habitavam aqui somente índios e ninguém mais. Depois, os portugueses, vindos do litoral, chegaram à nossa terra, e iniciaram suas atividades quando as matas eram brutas, isto é, desconhecidas pelo homem civilizado. Os primeiros colonizadores sofreram muito para colonizar a região, principalmente, no vale do Riacho Tamanduá, vale do Rio Madeira, vale do Rio Oficina e vale do Rio Timbaúba, porque o acesso se tornava muito difícil, visto as enormes matas virgens sem terem sido exploradas pelo ser humano, pois, somente existiam muitas onças pardas e pintadas e outros animais ferozes.

Acredita-se que as esposas desses portugueses eram genuinamente brasileiras, vindas de outras regiões do interior cearense. Estes primitivos habitantes viviam relativamente bem de situação financeira, não eram ricos, mas bastante abastados.

A colonização de nossa região foi executada da mesma maneira que foi as outras do Estado do Ceará; quase todas foram na base de posse de terras adquiridas livremente. Apenas havia divisões de propriedades em cada região. Com o tempo, essas propriedades íam tomando características próprias: umas como fazendas, outras como sítios.

SÍTIOS

ARAPUÁ

O Sítio Arapuá foi fundado por Raimundo Nonato Mendes de Mesquita, no ano de 1945 e desapropriado pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), no ano de 1974, para suas terras serem transformadas em lotes irrigáveis para os colonos do Perímetro Irrigado de Forquilha.

Este Sítio era de propriedade de Eliza Guimarães Morais, e cultivado por Raimundo Nonato juntamente com os filhos: Manuel Nonato e Francisco Altanir.

O Sítio Arapuá esteve desativado de 1951 a 1953, por falta dágua, pois o Açude Público Forquilha, ficou aquém da reserva, ficando assim abaixo da soleira da galeria. Sendo reativado em 1964 por Francisco Altanir, com a ajuda do Engenheiro-Agrônomo Washington Sales Luz, na época, Chefe do Posto Agrícola de Forquilha.

Nenhum vestígio do Sítio Arapuá ficou de lembrança, só o lugar da tapera da residência do saudoso Raimundo Nonato, que em vida desmatou as terras para a implantação das culturas do valioso Sítio, que desapareceu sem deixar sequer um pé de planta.

ESCONDIDO

O Sítio Escondido, atualmente Fazenda Escondido, ou ainda Fazenda Agropesa, de propriedade dos Machados, está localizado na bacia de irrigação do Perímetro Irrigado de Forquilha, entre os núcleos habitacionais I e II.

Antigamente o Sítio Escondido era uma fazenda de propriedade do santanense Francisco das Chagas Vasconcelos, conhecido como "Tobias". Posteriormente foi vendida a Henrique Lopes, aproximadamente no ano de 1930, que a transformou num grande sitio com o cultivo de bananeiras, coqueiros, laranjeiras e cana-de-açúcar. Henrique Lopes instalou também um engenho de moagem de cana e destilava muita cachaça para vender em toda a região do Acaraú.

Porém, Henrique Lopes, por motivo de doença, infelizmente, foi obrigado a vender o sítio ao Sr. Raimundo Soares de Andrade, que a exemplo de

Henrique Lopes, deu continuidade ao cultivo de bananeiras, coqueiros e laranjeiras.

O Senhor Raimundo Soares de Andrade, além do cultivo de diversas plantas frutíferas, mantinha uma vacaria de boa linhagem leiteira.

FORQUILHA

O Sítio Forquilha, propriedade de João Jerônimo da Costa, ficava situado às margens do Riacho Carro Quebrado. Sua casa (chalé) de alpendre amplo, tinha ao lado um vasto pomar com coqueiros, laranjeiras, bananeiras, mangueiras, etc., que sombreavam toda a extensão da terra até às proximidades do sangradouro principal do Açude Público Forquilha.

Este Sítio, na realidade, não era muito grande, mas a sua produção de frutas era suficiente para o abastecimento do consumo familiar de João Jerônimo, inclusive de alguns vizinhos que também o procuravam para conseguir cocos secos para fazerem cocadas e serem vendidas nas bodegas da Vila de Forquilha.

O que marcou João Jerônimo da Costa foram a delicadeza e a generosidade com as pessoas conhecidas e estranhas. Um evento tradicional e marcante na vida daquele saudoso conterrâneo, que muitos forquilhenses atuais devem lembrar, era a realização da fogueira na Noite de São João, no dia 24 de junho de cada ano. Suas filhas preparavam com muito amor a festa de São João, oferecendo aos convidados refresco, bolo de milho, pé-de-moleque e aluá de pega-pintos. Nesta noite o terreiro de sua residência ficava repleto de moças e rapazes amigos das filhas de João Jerônimo, que juntos brincavam da passagem do anel, de passar-fogo e muitos outros divertimentos.

Tudo isso faz lembrar a saudosa memória de João Jerônimo e de sua esposa Raimunda Maria da Costa, que em vida souberam colher a amizade do povo forquilhense.

SANTA IZABEL

O Sítio Santa Izabel era de propriedade do Coronel Francisco Petronilho Gomes Coelho, pessoa muito estimada do povo de Forquilha. Este Sítio antes mesmo de haver irrigação por meio dos canais, por intermédio do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), o Coronel Francisco Petronilho já irrigava com água solta, no leito do Rio Madeira, as culturas ali existentes, na maioria, bananeiras, coqueiros e laranjeiras.

Porém, após a construção dos canais, o Sítio Santa Izabel foi ampliado com o plantio de cana-de-açúcar para o fabrico de cachaça.

A aguardente fabricada no Sítio Santa Izabel era bem comercializada no interior do município de Sobral, abastecia o comércio da Vila de Forquilha e outras localidades circunvizinhas. Este produto era destilado no alambique ao lado do engenho e guardado em tonéis, fixados nos depósitos anexos ao casarão do grandioso Sítio, pelo qual, em vida, lutou bastante para o soerguimento de sua produção.

O Sítio foi demolido em 1974 pelas máquinas pesadas do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), em virtude da desapropriação de suas terras pelo Governo Federal para a implantação do Projeto de Irrigação de Forquilha, com o objetivo de implantar o sistema de colonização.

Hoje, de recordação daquele maravilhoso Sítio que tanto produziu, resta somente, como lembrança, o sacarão do Coronel, que talvez nunca pensou que o mesmo órgão que o ajudou construí-lo, fosse o responsável pela sua demolição.

Consideramos o casarão do Sítio Santa Izabel o retrato fiel do Coronel Francisco Petronilho deitado embaixo do alpendre numa rede de tucum, lendo jornais e observando os comboieiros que passavam na estrada em frente a casa, transitando entre Aracatiaçu e Sobral, principalmente, às quartas e sábados. Digna de destaque também era a galeria de honra, composta de fotografias dos filhos, genros e noras, além da do fiel casal, posta numa das áreas do inesquecível casarão.

Doador da imagem de Nossa Senhora de Nazaré, Santa de sua devoção, à Igreja de Forquilha, Francisco Petronilho faleceu tragicamente em junho de 1948, surpreendido que foi pelo desmoronamento de uma das paredes do engenho. Um dos operários também foi vitimado nesta ocasião.

SÃO FÉLIX

O Sítio São Félix, antigamente, era fazenda de propriedade do Coronel Silvestre Gomes Coelho, que no século passado construiu, nas terras da fazenda, um açude, denominado Açude Grande. Os mais antigos afirmam que abaixo da parede deste açude existia um pequeno plantio de bananeiras e cana-de-açúcar muito bem cuidado pelo Coronel Silvestre.

Com o desaparecimento de Silvestre, as terras da fazenda passaram a pertencer aos seus filhos, que mais tarde construíram um grande sítio às margens do Rio Madeira, irrigado com água do Açude Público Forquilha, através de barragens feitas no leito do próprio Rio. Daí nasceu o Sítio São Félix, que em 1935 iniciou suas irrigações por meio dos partidores de 13 a 24 do canal norte da propriedade do DNOCS.

Este Sítio produzia banana, coco, laranja, milho, feijão, arroz, algodão e cana-de-açúcar; esta era utilizada no fabrico de cachaça em alambiques por trabalhadores especializados em destilagem.

VILA NOVA

Este Sítio foi fundado pelo saudoso Francisco Martins Viana, aproximadamente no ano de 1929, nas terras da Várzea do Juá de sua propriedade. Foi inicialmente cultivado com bananeiras, coqueiros, laranjeiras, cujas mudas vinham da Fazenda Ipiranga em costas de burros e jumentos.

A produção do Sítio era comercializada na Vila de Forquilha e no Mercado Público da cidade de Sobral. Esta comercialização se estendeu até o ano de 1973, quando essas terras foram desapropriadas pelo DNOCS. Hoje, a

produção está reduzida a forragem para alimentação de rebanho bovino dos atuais colonos-irrigantes.

Antigamente, o Sítio Vila Nova tanto produzia diversas variedades de frutas como era um grande produtor de aguardente de boa qualidade.

Além destas atividades, o Senhor Francisco Martins Viana mantinha inúmeros bois de engorda e uma vacaria que produzia uma média de 100 a 200 litros de leite diários.

Nos pomares de mangueiras do Sítio Vila Nova, as filhas do proprietário realizavam muitos piqueniques nos fins de semana, juntamente com amigos vindos da cidade de Sobral. Hoje o Sítio existe apenas na recordação das filhas e dos filhos de Francisco Martins e de Dona Mocinha Viana.

NOTA (O namoro de Seu Chico)

Francisco Martins Viana, em uma de suas passagens pela Rua Menino Deus, situada na cidade de Sobral, por onde tinha de passar quando vinha ou voltava de Santo Antônio de Aracatiaçu, viu uma senhora e com ela simpatizou;.mas ficou receoso de que a mesma não lhe correspondesse o sentimento, pois ele era um moço pobre e não se vestia bem. Mas encorajou-se, enfrentou a situação, e até que um dia foi aceito pela simpática senhora, que era muito prendada.

Ela era viúva do Coronel Francisco Alves Fonseca. Dona Mocinha era muito rica e nesta época tinha um casal de filhos: Roosevelt e Alice. Dona Mocinha sempre permanecia em Sobral, porque lá estudavam seus filhos.

O namoro de Seu Chico com Dona Mocinha foi pouco tempo, logo realizaram o enlace matrimonial no dia 25 de fevereiro de 1916, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade de Sobral. Nasceram do casal os seguintes filhos: Luiz, João, José, Raimundo e Francisca.

O ilustre conterrâneo nasceu em 3 de dezembro de 1892 e faleceu em nossa Vila em 3 de maio de 1977. Teve infância regular como toda criança que nasce e se cria no interior. Dedicou sua juventude ao trabalho na roça, serviço que fazia com muito amor. Era caridoso e ajudava a pessoas carentes de nossa Terra Natal.

O patriarca forquilhense foi sepultado no cemitério São João Batista da Vila de Forquilha, cujo terreno para a construção desse Campo Santo foi doado pelo próprio Francisco Martins.

FAZENDAS

AMAZONAS

A Fazenda Amazonas está localizada no Município de Forquilha a aproximadamente 12 quilômetros do centro da cidade. Ao norte limita-se com a Fazenda Caiçara; ao sul com a Fazenda Salgado dos Mendes; a leste com a Fazenda Pilões e a oeste com a Fazenda Pará (município de Groaíras). Nesta Fazenda nasceu o jornalista, contista, poeta, professor, bancário e industrial Paulo Aragão, filho de José Rufino Aragão, o colonizador da Fazenda Amazonas, que no século passado construiu sua casa e fixou moradia até os últimos dias de sua vida.

Foi na Fazenda Amazonas que Paulo Aragão começou a escrever poesias e jornais com tipos de crosta de cajazeiras.

Paulo Aragão nunca freqüentou sequer escola de nível primário, mas devido ser muito inteligente se realizou como homem culto da Academia Cearense de Estudos e Letras de sua época.

A criatividade de Paulo Aragão, escrever jornais com tipos feitos de crosta de cajazeiras, repercutiu no mundo inteiro, pois foi o único jornal escrito com tipos de madeira.

"O rapagão da Fazenda Amazonas" iniciou suas atividades, na cidade de Sobral, primeiramente como caixeiro no alto comércio da Princesa do Norte, e depois ingressou lecionando na Escola dos caixeiros, atualmente Escola Técnica de Comércio Dom José Tupinambá da Frota. Esta escola foi fundada por Paulo Aragão.

ANDREZA

Esta Fazenda teve como seu primeiro colonizador Francisco Luiz Braga. Em seguida passou a pertencer ao português Diogo Henrique de Siqueira. O casarão da Fazenda foi construído em estilo campestre, de alpendres amplos, de currais de estacas de sabiá e de pátio extenso. O velho português mantinha o sustento familiar com as rendas da própria Fazenda. Ele se casou duas vezes e desses mantrimônios nasceram os seguintes filhos: Antônio, Gregório, Roseno, Olímpio, José, Francisco, Suzana, Maria, Felisbela, Iria, Bernardina, Josefa, Joviniano, Madalena e Inácia. Dos filhos do português, José destacou-se para Fortaleza no século XVIII e lá chegando se estabeleceu no comércio com pouco dinheiro. Como tudo progrediu, José ali fixou sua moradia definitiva. Casou-se com moça natural de Fortaleza, constituiu família e se tornou um grande comerciante.

Mais tarde, a exemplo do pai, surgiu Antônio Diogo na indústria fortalezense, considerado em sua época um dos maiores industriais de Fortaleza. As famílias SIQUEIRA GURGEL e VIDAL DE SIQUEIRA, ambas são descendentes de José Diogo de Siqueira, que nasceu na Fazenda Andreza, de propriedade de seu genitor Diogo Henrique de Siqueira, o mesmo português que deu origem à família SIQUEIRA, não só a do Município de Forquilha, como toda a existente no Estado do Ceará.

ARREBITA

As terras da Fazenda Arrebita são de posse, de comum acordo, das seguintes pessoas: José Liberato, Antônio Aragão, Benedito Madeira, Tereza Liberato, Raimundo Alves Loyola, Ana Ximenes e herdeiros de Inácio Loyola, Francisco Félix e outros.

Segundo os descendentes mais velhos da região de Forquilha, os primeiros colonizadores das terras desta localidade foram: Francisco Félix de Souza e Raimundo Alves de Loyola, genro do português Diogo Henrique de Siqueira, o colonizador da Fazenda Andreza.

Raimundo Alves de Loyola casou três vezes: suas esposas eram irmãs, e desses matrimônios nasceram os seguintes filhos: José Raimundo de Loyola, Antônio Raimundo, Francisco Raimundo, Diogo Alves, Iria Alves, Inácia Alves, Minervina Alves, Maria Alves e Ana Alves de Loyola.

Os descendentes de Raimundo Alves de Loyola, no caso os filhos, não mais vivem. Atualmente, só vivem os da segunda geração, os netos.

BARREIRA

A Fazenda Barreira teve como primeiro colonizador Gonçalo Pereira de Lima, que durante muitos anos explorou as terras da Fazenda com a agricultura e com a criação de gado comum.

Porém, não foi somente Gonçalo Pereira o proprietário da Fazenda Barreira. Também foram proprietários: Miguel Pereira de Vasconcelos, Ananias Gonçalves Guimarães e, ultimamente, Gerardo Ananias Guimarães, que a exemplo de seu genitor, explora a pecuária e a agricultura em pequena escala.

CACIMBINHA

A Fazenda Cacimbinha teve como seu primeiro colonizador Miguel Gomes de Paiva e os seus continuadores foram: José Gomes de Jesus, João Gomes de Jesus e Miguel Gomes de Jesus Filho.

As atividades desta Fazenda eram exclusivamente a exploração da agricultura e da pecuária. Os moradores também plantavam "maniva" nas margens do Rio Timbaúba e obtinham grande produção de mandioca para o fabrico de farinha.

Passaram os anos, esta Fazenda, atualmente, considera-se um pequeno [illegible], habitado pela família Agostinho dos Santos, povo amigo e cortês com [illegible] que lhes procuram ou visitam.

Uma personalidade que deve ser lembrada sua memória, na História da Fazenda Cacimbinha, é a de Rosa Gomes, moça velha, católica, honesta, [illegible]uja, branda, amiga, conselheira e dedicada à vida doméstica. Gostava de assistir às missas na Capela da Vila de Forquilha, principalmente aos domingos, onde foi sepultada com grande acompanhamento de amigos e parentes.

CAIÇARA

Fica situada entre a Fazenda Várzea da Cobra e a Fazenda Amazonas. Consta que o seu primeiro colonizador foi o português Antônio Martins Viana e seus continuadores foram: Vicente Nunes Pereira, Manuel Dias da Ponte, Vicente Lourenço, João da Cruz, José Cordeiro de Vasconcelos, João Chagas e outros.

A casa desta Fazenda foi construída em 1903, inclusive muitas outras.

A exploração de suas terras sempre foi com o cultivo de milho, feijão e algodão em grande escala.

Quanto à pecuária, esta foi a mais explorada na época do santanense José Cordeiro de Vasconcelos, que se dedicava no fabrico de queijos de leite [illegible]gado.

A Caiçara de Cordeiro, como era conhecida, foi muito animada pelas filhas de Seu Cordeiro, pois elas eram educadas e mantinham grande amizade com a sociedade de Sobral. As graciosas filhas de Seu Cordeiro eram: Maria, Hazaré, Guilhermina e Alzira.

José Cordeiro de Vasconcelos foi vítima de uma chifrada de uma de suas vacas dentro do próprio curral de sua Fazenda, tendo morte quase imediata.

Atualmente, a Fazenda Caiçara não pertence mais à família do saudoso José Cordeiro, e sim a Joaquim Melo Rodrigues (Preta Melo), outro agricultor e pecuarista dedicado.

CANTOS

A Fazenda Cantos ficava entre as terras da Fazenda Tamanduá e da Fazenda Arrebita, e suas terras eram divididas com Ernestina Diogo de Siqueira e com Maroca de Barros ("A Cartomante").

Tratando-se de Maroca de Barros, lembramos que esta senhora veio do Estado do Pará, juntamente com o seu marido por motivo de problemas conjugais. Aqui chegando, o casal comprou uma parte de terra vizinha à Fazenda Cantos, onde fixou sua moradia. Mas o esposo de Maroca de Barros passou pouco tempo morando com ela, pois um belo dia disse que ía ao Estado do Pará para visitar seus familiares e nunca mais voltou.

Com o passar dos anos, Maroca de Barros se juntou com João Loyola, irmão do jornalista Vicente Loyola, e durante o tempo em que passaram juntos, viveram felizes conjugalmente.

Maroca de Barros botava responsos por meio de cartas de baralho e era muito acreditada pelas pessoas que íam à sua casa a fim de que ela previsse seus destinos.

Para muitos o baralho de Maroca nunca mentira e consideravam-no como mágico e adivinhador de tudo.

Esta cartomante não cobrava nada pelo seu trabalho, pois ficava satisfeita quando era procurada por pessoas que nela acreditavam no jogo das cartas de seu misterioso baralho.

Os responsos cotidianos feitos por Maroca eram mais a respeito de casamentos e de objetos perdidos ou roubados.

A casa de Maroca de Barros era muito visitada por senhoritas forquilhenses que íam à procura de saber se casavam com o rapaz que estavam namorando ou se realmente não se casavam com rapaz algum. Mas tudo isto levava as donzelas a crer no que dava as cartas postas em cima de uma mesa e na presença dos interessados.

Ainda há, até hoje, alguns vestígios da tapera de Maroca de Barros, pois no local podem ser vistos cacos de tijolos e telhas. Eis a recordação daquela que a tantos animou com suas cartas.

A casa de Maroca de Barros ficava às margens do caminho que ía de Forquilha para a Fazenda Sereno, próximo ao Riacho Tamanduá.

João Loyola, seu "esposo", sempre vinha de sua moradia comprar carne de boi nos açougues da Vila de Forquilha, montado em cavalo de cabresto e sela sem esteira, e amarrava-o em frente à casa do saudoso Messias Ramos, ao pé de um juazeiro ali existente. Este cavalo era bem pedrês e muito choutão.

COQUEIRO

A Fazenda Coqueiro era de propriedade do Capitão da Guarda Nacional, José Diogo de Siqueira, considerado um dos homens mais ricos da região. Capitão José Diogo de Siqueira possuía diversas fazendas de gado no sertão de Aracatiaçu, ferrava mais de 200 bezerros por ano. O Coqueiro chamado era onde ele fixou moradia, pois as terras eram boas para o plantio de mandioca, usada no fabrico de farinha.

O Capitão José Diogo, além de ser um grande fazendeiro, ainda explorava o comércio, cujos produtos mais comercializados eram: rapadura, farinha, milho, feijão, fumo, café em caroço e carne empilhada.

Este admirável forquilhense nasceu na Fazenda Mulungu, localizada antigamente à esquerda do Rio Oficina, a 3 de maio de 1866; veio a falecer no dia 18 de dezembro de 1957.

HUMAITÁ

O Capitão da Guarda Nacional Francisco da Frota foi o explorador desta Fazenda. Chegando à ribeira do Acaraú, tratou de arranjar terras na bacia do Rio Madeira, o que não foi difícil.

Francisco Frota construiu sua casa no divisor das águas do Rio Madeira com o divisor do Riacho Caioca, e denominou sua Fazenda de Humaitá. A casa era de estilo colonial e foi feita de alvenaria, com tijolos e telhas feitas por escravos nas margens do Rio Madeira, próximo à localidade da Várzea da Pedra. Os tijolos pesavam aproximadamente 10 quilogramas e as telhas 5 quilogramas.

Devido à falta dágua, o Capitão resolveu construir um açude nas terras da Fazenda; conseguiu construí-lo por meio de braços de escravos. Durante sua permanência na Fazenda, explorou mais a criação de bodes, pois as terras eram próprias para este tipo de atividade.

Atualmente, uma grande parte da Fazenda Humaitá pertence ao Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), visto à desapropriação ocorrida em 1974.

IPIRANGA

A Fazenda Ipiranga foi colonizada pelo bisavô do Coronel Francisco Alves da Fonseca. Foi proprietário da Fazenda Telha até às divisas da Fazenda Forquilha, de propriedade de Olímpio Diogo de Siqueira, filho do português Diogo Henrique de Siqueira. A fazenda de Olímpio Diogo de Siqueira ficava situada próxima à junção dos rios Timbaúba e Oficina com o Rio Madeira, onde hoje existe a Ilha Grande no Açude Público de Forquilha.

A Fazenda Ipiranga, certamente, é uma das mais antigas do Município de Forquilha; é tanto que existiu nesta Fazenda pelourinho, usado para castigar os escravos. O açude desta Fazenda foi construído através de braços de escravos.

Na Fazenda Ipiranga já existiu sítio repleto de bananeiras, coqueiros, laranjeiras e cana-de-açúcar; este tipo de cultura permaneceu até a década de 30.

Depois esta Fazenda foi vendida a terceiros e, devido a escassez dágua, deixaram de continuar cultivando as terras do sítio.

Quem habitou nesta Fazenda por alguns anos foi o Senhor José Tavares, que, como procurador, muito fez para o desenvolvimento das atividades da Fazenda.

José Tavares levou uma vida tranqüila na Fazenda Ipiranga, juntamente com sua estimada família. As filhas de José Tavares eram muito divertidas e muito hospitaleiras e acolhedoras das pessoas que íam lhes visitar.

JUAZEIRO

Teve colonizador importante, o Tenente da Guarda Nacional Marques Pereira de Vasconcelos, que durante o tempo que permaneceu na Fazenda cuidava da criação de gado comum e da agricultura.

A casa de sua Fazenda foi construída no ano de 1820, em estilo colonial e nela viveu por muitos anos.

As terras da Fazenda Juazeiro, atualmente, estão divididas em diversas propriedades, porém, o casco velho da Fazenda, ou seja, a casa antiga, ainda

existe e quem mora nela é o Senhor Aloísio Ferreira da Ponte, adquirida a Deca Meneses.

O proprietário atual explora a criação de gado e desenvolve a agricultura.

OFICINA

A Fazenda Oficina foi colonizada pelo Tenente da Guarda Nacional José de Lira Pessoa e seu continuador foi Vicente Mendes de Mesquita, natural de Meruoca. Esta Fazenda ficava situada à margem esquerda do Rio Oficina.

As atividades desta Fazenda eram a exploração da agricultura e a pecuária. Vicente Mendes cultivava muita roça às margens do rio para o fabrico de farinha. Segundo os mais antigos, Vicente Mendes e sua esposa de nome Filomena eram muito caridosos, principalmente com os trabalhadores que moravam nas terras da Fazenda. O Tenente era caracterizado por uma barba longa e por sua estatura mediana.

ORIENTE

Esta Fazenda está localizada a leste do Município de Forquilha.

Seus primeiros habitantes foram: Antônio Carlos Furtado de Albuquerque, Augusto Machado da Ponte, Galdino Machado da Ponte, José Prado Ferreira da Ponte, Petronilho Gregório da Silva, Rufino Lúcio e outros.

Nesta Fazenda nasceram os seguintes filhos ilustres: os advogados Osvaldo Ferreira da Ponte, Francisco Carneiro Lima, Maria Célia Carneiro, o Segundo Tenente do Exército Francisco Eusébio Oliveira e o professor Gervásio Oliveira da Silva.

Os filhos ilustres da Fazenda Oriente merecem elogios pelos esforços que desprenderam para se formarem, já que todos são filhos de camponeses, ingressando no estudo após saírem da Fazenda para o Sul do País, onde conseguiram vencer talvez com muito sacrifício.

PILÕES

As terras da Fazenda Pilões foram divididas com muitas pessoas, visto seu primeiro dono ter ido embora para o Sul do País.

Seu colonizador inicial foi Luiz Alves de Loyola. Posteriormente foram os seguintes os seus continuadores: Francisco Teotônio Alves, José Alves de Lira Pessoa, Francisco Liberato, Saturnino Madeira de Albuquerque, Antônio Lopes, José Araújo de Souza, João Madeira de Albuquerque, José Aragão, Antônio Ferreira Guimarães, Antônio Gomes de Passos, Cesário Teotônio, Alarico Feijão, Marianinho Gomes Parente, Francisco das Chagas Ximenes Prado (Chico Malaquias) Manoel Alves, Domingos Gomes de Jesus, Antônio Mendes de Vasconcelos e outros.

Estes habitantes viveram da agricultura e da pecuária, trabalhando dia e noite para sustentar suas famílias. Nada consta que alguns deles tenham adquirido riquezas.

POCINHOS

A Fazenda Pocinhos está localizada à margem esquerda da CE-230 da via Sobral – Santa Quitéria.

Foi colonizada pelo Coronel Domingos Paiva Dias. Anos depois passou a pertencer ao pai do Coronel Francisco de Almeida Monte.

Pocinhos, na época de Francisco Monte, viveu momentos de alegria, quando o Seu Chico Monte ganhava as eleições, e de tristeza quando Seu Chico perdia o pleito. Contudo, sua esposa, Maria, sanava a situação, pois era ela quem controlava toda a política de seu esposo e dava a ele conforto, esperanças e estímulo para vencer na próxima.

O que nos resta é somente a memória do grande Chefe Político de nossa região.

ROCHA

Fundada às margens do Rio Oficina por volta do século passado, por Raimundo Teles de Meneses, o patriarca da família Telles.

Esta Fazenda vem passando de pai para filho que dão continuidade à exploração da agricultura e da pecuária. Simboliza muito bem a Fazenda a imagem do Coração de Jesus, comprada em Canindé pelo saudoso Antônio Telles da Frota, que em vida a chamava de minha santa milagrosa imagem, o Santo de sua devoção.

Na residência de Antônio Telles havia celebrações de missas, batizados e casamentos feitos pelo Cônego Dom José Tupinambá da Frota, pelo Pe. Gerardo Ferreira, amicíssimo da família Telles. Dom José e Padre Gerardo vinham de Sobral para a Fazenda Rocha montados em cavalos.

Atualmente a Fazenda pertence a Felizardo da Ponte Prado, genro de Antônio Telles da Frota, que também continua explorando as terras com a agricultura e pecuária, a exemplo de muitos outros fazendeiros de nossa região.

ROCHINHO

A Fazenda Rochinho foi fundada pelo agricultor Francisco Primo Ferreira, pessoa muito admirada por todos os moradores da mesma.

Francisco Primo Ferreira construiu a casa da Fazenda em 1930, tipo taipa; depois de alguns anos resolveu reconstruí-la, mas desta feita de alvenaria, de alpendres amplos e com parapeitos.

Primo Ferreira, como era mais conhecido, começou sua vida como agricultor e depois como comerciante, não só na fazenda como também na cidade de Sobral. No início de sua carreira de comerciante, vendia mercadorias de primeira qualidade aos habitantes das localidades: Juazeiro, Barreira, Mocó, Pocinhos, São Lourenço, Rasteira e Campo Novo. Porém o sonho de Primo Ferreira era o de educar os filhos para um futuro melhor.

Com o passar dos tempos, Primo Ferreira foi melhorando seu comércio na Fazenda. Em 1946 resolveu morar na cidade de Sobral, comprou uma

casa na Rua do Oriente e lá estabeleceu uma bodega sortida de mercadorias. Em seguida, esta bodega tornou-se armazém de grande estoque, chegando a fornecer mercadorias aos comerciantes do interior, principalmente nos dias de quarta e sábado.

O resultado foi que esse pai exemplar educou os seguintes filhos: Francisco Ferreira Torres (Agrônomo); João Ferreira Torres (Médico) e Paulo Ferreira Torres (Contabilista).

SALGADO DOS MELOS

A 18 quilômetros de Forquilha (cidade), em direção ao extremo sul, está localizada a Fazenda Salgado dos Melos, a leste do Riacho Salgado.

A fazenda era conhecida antigamente por Salgado, mas, com o tempo, seu próprios habitantes a denominaram de Salgado dos Melos, com o intuito de diferenciar da Fazenda Salgado dos Mendes sua vizinha.

Esta Fazenda foi fundada em 1890/1900 pelo colonizador Francisco Ferreira de Melo, casado com a senhora Gertrudes Pereira de Vasconcelos, que durante os anos em que viveram ali, dedicaram-se, com determinação, à exploração da agricultura e da pecuária. Mantinha Francisco Ferreira de Melo, em sua Fazenda, bons cavalos de sela, os quais eram animais de sua estimação.

Um marco importante nesta Fazenda foi a construção de um açude, feito com barro transportado em padiolas de couro cru, arrastadas por bois. A capacidade deste açude era de um milhão de metros cúbicos de água.

Na jusante deste reservatório, eram plantados coqueiros, cana-de-açúcar, goiabeiras, graviolas, araticum, abacaxis, "condessas" e mamoeiros.

Para o aproveitamento da garapa de cana, o Sr. Francisco Melo fabricava rapaduras para o consumo caseiro e de seus moradores. Este tipo de atividade era feito através de um engenho de madeira, tipo bolandeira, movimentado por bois. Além da moagem de cana, também eram serradas mandiocas para o fabrico de farinha

Francisco Melo veio a falecer nesta Fazenda, em 1927, aos 80 anos de idade.

Com a morte deste incansável fazendeiro, passou o domínio da Fazenda para os herdeiros que aos poucos foram vendendo uns aos outros a sua parte de terra. Dos herdeiros que não vendeu sua parte, foi o seu filho mais novo, Joaquim Amâncio Melo, que permaneceu na Fazenda até o ano de 1957.

Este bravo lavrador deixou a Fazenda e foi habitar em terras do sertão de Aracatiaçu, e lá morreu aos 16 dias do mês de fevereiro de 1958.

SALGADO DOS MENDES

Salgado dos Mendes se caracterizava antigamente como a região da mata virgem, visto sua grande vegetação formada por paus brancos e por outras espécies de madeira.

Consta que os primeiros colonizadores foram: Francisco Mendes Ferreira e João Mendes Ferreira. Este dois bravos homens desmataram as terras e edificaram suas casas, dando tudo de si para desenvolverem sua região através da agricultura e da pecuária.

Salgado dos Mendes, por alguns tempos, foi conhecido como terra do mel, porque na grande mata existiam muitas colmeias de abeihas jandaíras, e seus habitantes colhiam grande quantidade de mel.

Os parentes, filhos, netos, bisnetos, genros e noras, continuam morando nas terras de seus antecessores. Alguns: Manoel Mendes Ferreira, Raimundo, Gerardo, José, Vicente, Firmina, Evangelina, Rogério, Maria, Cabocla e muitos outros.

SERENO

A Fazenda Sereno está situada nas margens do Rio Tamanduá e teve como seu primeiro colonizador Cesário Alves Pereira. A casa foi construída em 1760, tipo taipa e de estilo campestre.

As atividades desta Fazenda eram a criação de bodes e de ovelhas e um pouco da exploração da agricultura rudimentar.

Na casa velha também habitou Francisco Alves Pereira, por muito tempo. Nasceu nesta Fazenda o ilustre letrado Manoel Lopes, que embora tenha sido somente alfabetizado, com o correr dos tempos, se tornou um dos sertanejos mais conhecidos como homem de grandes conhecimentos, um intelectual.

Ele se desenvolveu lendo revistas, jornais, e tomou profundos conhecimentos políticos brasileiros e principalmente da política do exterior. Manoel Lopes foi um matuto dedicado à leitura, mas nunca se preocupou com a política de seu município, ou seja, a nível municipal, preferindo a internacional.

Atualmente, nesta Fazenda, na gestão do Sr. Joaquim Barreto Lima, como Prefeito de Sobral, foi construído um grupo escolar, denominado Grupo Escolar Cesário Alves Pereira.

TAMANDUÁ

A Fazenda Tamanduá está localizada à margem esquerda do Riacho Tamanduá, e distante do Centro de Forquilha a aproximadamente 5 quilômetros.

A casa desta Fazenda foi construída de alvenaria por Lázaro Alves Pereira, filho adotivo de Domingos Alves Pereira, natural da cidade de Juazeiro do Norte, que algum tempo permaneceu na ribeira do Acaraú. Domingos deixou Lázaro que ainda hoje não se sabe o nome da mãe e nem de sua procedência. Nesta mesma casa, construída no ano de 1760, nasceu o Tenente da Guarda Nacional Vicente Cesário Alves Pereira, considerado pelos juízes da Comarca de Sobral como homem de firmeza de palavra e de decisão.

Ali habitavam antigamente os ilustres sertanejos: José Alves de Lita Pessoa, Vicente Loyola, Severiano Loyola, Jeremias Cavalcante de Loyola, Francisco Cavalcante de Loyola, Inácio de Loyola, Vicente Pereira Rodrigues, Raimundo Tomé Pereira, João Alves de Lira Pessoa, Paulo Alves de Lira Pessoa, Raimundo José de Loyola e outros. Estes homens, nem por serem

semi-alfabetizados por mestres na própria Fazenda, liam e escreviam corretamente, pois eram de uma invejável inteligência. Como legado cultural, seus descendentes falam e escrevem corretamente a Língua Portuguesa, dando um testemunho concreto de seus antecessores.

Nesta Fazenda nasceram o jornalista e deputado estadual Vicente Loyola e o professor doutor Francisco José Rodrigues.

Vicente Loyola ingressou na política e no jornalismo ainda muito jovem, tornando-se um dos maiores intelectuais de sua época. Foi muito perseguido pelos políticos sobralenses, em virtude de suas críticas políticas realistas. Doente, quase em estado de coma, foi ameaçado de prisão, e, por ser forte e corajoso, reagiu: "Aqui estou pronto para responder à verdade".

Francisco José Rodrigues nasceu em 1943. Teve uma infância pobre, filho de camponeses. Com a ajuda do Pe. Édson Frota Mendes, foi encaminhado ao Seminário Diocesano de São José, na cidade de Sobral, sem nunca haver freqüentado escolas de 1º ou 2º graus. Hoje muitos o consideram um "gênio". Formado em Filosofia e em Ciências Sociais; mestre e doutor em Ciência Política pela Universidade de Paris, onde obteve a nota máxima ao defender sua tese. Membro da Associação Internacional de Ciência Política, é professor de Ciência Política das universidades Federal e Estadual do Ceará. Foi também professor visitante, durante três anos, junto aos cursos de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa. É autor dos livros "A sociologia política na perspectiva da América Latina" (1970), "Introdução à Sociologia" (1973), "Les composantes populiste et intellectuelle du mouverment democratique brassilen" (1978), "Canção do homem essencial", (poesia , 1981) e de artigos em revistas nacionais e internacionais especializadas.

TIMBAÚBA

A Fazenda Timbaúba teve como primeiro habitante o seu proprietário, Antônio Mendes de Mesquita, o patriarca da família Mendes de Timbaúba, que deu continuidade a uma nova geração. Este bravo homem desmatou as terras e abriu novos caminhos na procura de desenvolver a agricultura e a pecuária. Seus descendentes mais próximos foram: José Mendes de Mesquita, Francisco Mendes de Mesquita e Delfino Mendes de Mesquita. Este povo somou mais derrotas do que vitórias na falta de recursos financeiros para explorar melhor a terra para o plantio de milho, feijão e algodão.

Os Mendes da Fazenda Timbaúba são conhecidos como o povo da fala branda e macia, um gesto de humilde. Contudo, são bons e amigos dos amigos.

VÁRZEA DA COBRA

A Fazenda Várzea da Cobra limita-se ao norte com as terras da Fazenda Sereno; ao sul com as terras da localidade Furna e Caiçara; a oeste com as terras da Fazenda Córrego, pertencente ao município de Groaíras, e, a leste, com a Fazenda Arrebita.

Os colonizadores desta Fazenda foram o português Francisco Lopes Teixeira e continuadores Justiniano Lopes Teixeira, Justiniano Torquato Teixeira. Finalmente os descendentes: Justiniano Lopes Aragão, Manoel Lopes Catunda, Raimundo Lopes Catunda, Francisco das Chagas Matos, Antônio Lopes Matos e outros.

Convém ressaltar que a família Matos desta Fazenda é descendente do português Manoel Madeira Matos, colonizador da Fazenda Mato Grosso (município de Groaíras).

Manoel Madeira de Matos, cuja descendência é a mesma da família Távora do Estado do Ceará, trocou de nome, porque o local onde instalou sua moradia era composto de muita madeira e de muito mato. Portanto, é o que se afirma da mudança de nome para Madeira de Matos.

Salientamos ainda que hoje a Fazenda Várzea da Cobra é considerada um povoado de povo inteligente e progressista. É tanto que os varzeacobrenses fundaram a primeira Delegacia Sindical dos Trabalhadores Rurais do Município de Forquilha. Esta Delegacia foi instalada por Agostinho Lopes Matos, Itamar Ferreira de Loiola, Sabino Alves Pereira, Sebastião Izaque Lopes de Matos, Luiz Lopes Cruz e Hortêncio Lopes Matos.

VÁRZEA DO GARROTE

A Fazenda Várzea do Garrote ficava entre a Fazenda Tamanduá e a Fazenda Andreza. Recebeu essa denominação, porque um vaqueiro ao campear o gado, às margens do Rio Sabonete, encontrou um garrote atolado dos pés ao pescoço e quase sem vida. "Esta é a várzea do garrote", comentou o vaqueiro. Daquele dia em diante, a várzea ficou batizada, e até hoje o nome é conservado.

As várzeas desta Fazenda eram muito boas de pastagem para alimentar o pequeno rebanho de ovinos e caprinos. Mas a criação propriamente dita se estendia com a criação de porcos, beneficiada por uma grande lagoa que ali existia, conservando água de julho a meados de outubro. O colonizador desta fazenda foi José Joaquim Rodrigues, que no ano de 1814 construiu sua casa de taipa, de alpendre amplo e de peitoril. Ali eram recebidos moradores do sertão de Aracatiaçu que se dirigiam à cidade de Sobral, nos dias de quarta e sábado, para venderem queijos e comprarem farinha, rapadura e muitas outras mercadorias de primeira qualidade.

Na aludida casa nasceu o escrivão do Cartório Civil da, na época, Vila de Forquilha, José Joaquim Rodrigues, filho do colonizador. O escrivão era muito inteligente apesar de nunca haver freqüentado escola de nível superior, tinha um português correto e uma ótima caligrafia. Foi escrivão do Cartório de Registro Civil de 1953 a 1956.

VENCEDORA (Sabonete)

Esta Fazenda atualmente pertence à Casa Quirino Rodrigues S.A., denominada de Fazenda Vencedora, localizada no quilômetro 13 da BR-222.

Foi instalada no ano de 1844 por Francisco Alves da Fonseca. Alguns historiadores afirmam que antes de Francisco Alves ir morar nestas terras, o português Manoel Ferreira Torres (requerente da sesmaria de Forquilha) ali havia habitado.

As terras da Fazenda Vencedora depois de Francisco Alves foram vendidas primeiramente a Joaquim Euclides de Andrade e depois vendidas para a família Quirino Rodrigues, que é até o momneto a proprietária.

As atividades desta Fazenda, antigamente, se prendiam na criação de muares, através de cruzamento de jumentos com éguas. Estes animais viviam em soltas, separados a fim de haver uma boa produção anual.

As recrias eram vendidas para o Pará, transportadas por meio da navegação marítima. Este tipo de atividade foi mantido desde a fundação da Fazenda até os últimos dias de Joaquim Euclides de Andrade como proprietário.

Nos dias atuais, as atividades da Fazenda Vencedora, também conhecida como Sabonete, são bem diferentes, pois a Casa Quirino Rodrigues S.A., instalou uma grande fábrica de beneficiamento de castanha de caju, gerando de 700 a 800 empregos à comunidade de Forquilha e localidades vizinhas.

Foram antigos moradores: Raimundo Cordeiro da Silva, Raimundo Pedro de Oliveira, Francisco Pedro de Oliveira, Gabriel Gomes de Araújo, Antônio Mendes de Vasconcelos, José Ilário de Souza.

Continuam residindo na Fazenda: Luiz Gonzaga da Silva (Luiz Cordeiro), Francisca Zulene Cordeiro, Maria Cordeiro da Silva, netos, filhos, genros e noras dos que ali habitam.

NOTA (1)

Com a emancipação política de Forquilha, todas as áreas das fazendas e sítios mencionadas pertencem ao novo Município, onde poderá atuar intensamente a administração, dando àqueles que residem na área rural, uma assistência que resulte no bem-estar do homem.

Convém ressaltar que a maioria destas fazendas e sítios já tiveram suas terras divididas pelos herdeiros, não permancendo a unidade e nem as mesmas peculiaridades impostas por seus iniciadores.

NOTA (2)

Até a década de 50 existiam na Fazenda Ipiranga os vestígios de um pelourinho de colunas de pedras e armação de madeira, composta de cinco pontas de paus, onde se enganchavam as cabeças dos escravos ou criminosos para serem expostos à vergonha ou para serem açoitados. Podiam também ser enforcados por meio de argolas fixadas nas colunas de pedra em forma de laços.

Acredita-se que foi somente usado para infligir castigos corporais por desobediência às ordens dos senhores; nunca para execução.

Hoje, devido à reforma no prédio da Fazenda, o pelourinho foi totalmente demolido.

ANTIGAS CASAS

Apesar de o tempo ter consumido os proprietários de sítios e fazendas que deram origem ao nosso Município, as casas construídas por aqueles benfeitores, algumas ainda resistem à ação do tempo e podem ser visitadas a título de curiosidade ou de apreciação.

Eis as remanescentes:

Na Fazenda Amazonas encontra-se a antiga casa de José Rufino Aragão, construída em 1880.

Na Fazenda Caiçara, a de José Guilherme, construída em 1903.

Na Fazenda Juazeiro, a de Marques Pereira de Vasconcelos, construída em 1820.

Na Fazenda Pilões, em ruínas, a de Domingos Gomes de Jesus, construída em 1940.

Na Fazenda Salgado dos Melos, a de Francisco Ferreira de Melo, construída em 1900.

Na Fazenda Salgado dos Mendes, a de Francisco Mendes Ferreira, construída em 1889.

Na Fazenda Sereno, a de Cesário Alves Pereira, construída em 1760.

Na Fazenda Tamanduá, a de Lázaro Alves Pereira, 1760; e a de José Alves de Lira Pessoa, 1896.

Na Fazenda Várzea do Garrote, a de José Joaquim Rodrigues, construída em 1814.

Na Fazenda Pocinhos, a de Francisco de Almeida Monte, construída em 1882.

Na Fazenda Massapê dos Vieiras, a de Sebastião Dias de Carvalho, genro de Antonio Raimundo de Loyola, construída em 1800.

Na Fazenda Olho D'água dos Cassimiros, a de João Pereira de Matos, construída em 1895.

GENEALOGIA

As tradicionais famílias forquilhenses têm suas origens encontradas nos primeiros colonizadores de sítios ou fazendas que tiveram assento em nossa região.

Ei-las:

ALVES DE LIRA PESSOA descende de José Alves de Lira Pessoa, um dos colonizadores da Fazenda Tamanduá.

ALVES PEREIRA descende de Lázaro Alves Pereira, também colonizador da Fazenda Tamanduá.

FERREIRA DE MELO é descendente de Francisco Ferreira de Melo colonizador da Fazenda Salgado dos Melos.

GOMES DE PAIVA ou GOMES DE JESUS descendem de Miguel Gomes de Paiva, o colonizador da Fazenda Cacimbinha.

LOPES descende de Francisco Lopes Teixeira, colonizador da Fazenda Várzea da Cobra.

MARTINS VIANA é descendente do português Antônio Martins Viana, requerente da sesmaria das terras da antiga Fazenda Caiçara.

MATOS descende do colonizador da Fazenda Mato Grosso (pertencente ao município de Groaíras), Manoel Madeira de Matos.

MENDES DE MESQUITA descende de Antônio Mendes de Mesquita, colonizador da Fazenda Timbaúba.

MENDES FERREIRA, é descendente de Francisco Mendes Ferreira, colonizador da Fazenda Salgado dos Mendes.

MENDES VASCONCELOS, a de nosso Município, é descendente de Antônio Mendes de Vasconcelos, natural de Santana do Acaraú-CE.

RODRIGUES MONÇÃO é descendente de João Rodrigues Monção, o colonizador da Fazenda São Lourenço.

SIQUEIRA é descendente do português Diogo Henrique de Siqueira, colonizador da Fazenda Andreza.

PEREIRA VASCONCELOS, é descendente de Marques Pereira de Vasconcelos, colonizador da Fazenda Juazeiro.

PAIVA DIAS, é descendente de Domingos Paiva Dias, o colonizador da Fazenda Pocinhos.

CONRADO ARAGÃO é descendente de José Rufino Aragão, colonizador da Fazenda Amazonas.

DIAS DE CARVALHO, é descendente do Português Sebastião Dias de Carvalho, o colonizador da Fazenda Massapê dos Vieiras.

PEREIRA DE MATOS, é descendente do Português João Pereira de Matos, o colonizador da Fazenda Olho D'água dos Cassimiros.

COSTUMES E HÁBITOS

ANTIGOS

ONTEM E HOJE

As veredas do vale do Tamanduá, nos séculos XVII e XVIII, dificultavam a penetração do homem na mata para o trabalho duro da lavoura, pois, além do mato, as constantes enchentes de riachos e grotas em época de inverno.

Esses habitantes esquecidos também têm um passado, não só porque foram os primeiros a se fixarem na terra, não porque foram os primeiros a abrirem caminhos à procura de penetração nas matas, mas pelo sacrifício que empreenderam para sobreviverem sem ajuda de governo ou de algum benfeitor.

Trabalhavam de sol a sol, derramavam suor, não vestiam bem, não escutavam rádios, não usavam sapatos, não conheciam as grandes cidades, não liam jornais ou revistas, não andavam de automóveis, não assistiam à missa porque as igrejas ficavam distantes, só se confessavam no dia do casamento, não dormiam em camas, não tinham assistência médica ou dentária, não íam à praia ou ao cinema, dormiam cedo e acordavam mais cedo ainda, não escovavam os dentes (eram limpos com raspa de juazeiro ou carvão vegetal), não namoravam de mãos dadas (o namoro era de longe como o de jacarés), não tinham o direito de pedir a mão da moça a casamento (o pai da moça e o do rapaz é que faziam o compromisso), não fumavam cigarros na frente dos pais, não íam a festas sem a devida permissão dos pais, não tiravam a barba sem a permissão do pai, não dialogavam com os pais, enfim, todos esses costumes e hábitos exemplificam o passado dos habitantes na zona rural.

Hoje, não existem veredas na bacia do Tamanduá; desde o pé do Serrote Jandaíra até a foz do Rio Madeira o que existem são boas estradas carroçais, facilitando o deslocamento do homem para os centros mais desenvolvidos.

O homem atual do vale do Tamanduá veste bem, calça sapatos, dorme em camas, ouve rádios, assiste à televisão, anda em carros, possui automóvel, bebe água gelada, possui boas cadeiras de balanço, possui ótimas bicicletas, dispõe de fogão-a-gás, educa os filhos nos melhores colégios, conhece grandes centros (Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza e outros), está atualizado pois tem meios de comunicação modernos à sua disposição, moram em casas de alvenaria e de piso de cimento, bebe sua cerveja gelada, discute política administrativa de seus governantes, faz críticas, ingressa no campo intelectual, estudando Política Social, Letras, História, Ciência, Geografia, Matemática, etc.

Além de toda essa evolução, o homem do Tamanduá dedica-se ao comércio nas fazendas, nos lugarejos, vilas, cidades, capitais, tornando-se verdadeiros artistas no campo comercial.

Essa evolução rápida nos campos social, cultural, comercial, intelectual e outros deram-se logo que chegamos ao século XX, com o desenvolvimento das cidades. Antes, mesmo que o homem dispusesse de recursos, não tinha condições de aplicá-los para conquistar seu próprio bem-estar.

MASCADORES

No distrito de Forquilha, até 1960, havia muitos homens e mulheres mascadores de fumo. Era mais comum entre os idosos.

O hábito de mascar fumo é antigo em todo o Território Nacional. Todavia é anti-higiênico, uma vez que exige do mascador lançar fora a saliva, o que se dá com muita freqüência, sem fazer muita escolha do local para o despejo.

Conversando com um mascador, disse-me que estando com uma "péa" de fumo na boca era capaz de trabalhar o dia inteiro sem comer e sem beber. Perguntei-lhe: "Se faltar?". "Fico igual uma cobra cascavel quando perde o veneno; chego ao ponto de mastigar casca de pau ou folhas de mato, para substituir o fumo".

Outro vício anti-higiênico entre os idosos é o de tomar tabaco de fumo pelo nariz, contaminando as vias respiratórias e depois expelir no escarro ou no espirro. As tabaqueiras eram de tamanhos enorme; alguns conduzim mais de 250 gramas de fumo pisado.

O fumo não só era usado para a fabricação de tabaco e para mascar, mas também na fabricação de cigarros de "papelina", de palha de milho ou de papel de embrulho.

O fumo vinha da Serra Grande (Carnaubal) em costas de jumentos e de burros do Gonçalo Fumeiro, o maior vendedor de fumo do município de Sobral.

Os abundantes "corrimboques" de chifres de bois tinham tampas feitas de casco de cuias, e eram bem conservados pelos tabaqueiros, pois eram objetos de muita estimação.

Em nossos dias, o número de mascadores de fumo está bastante reduzido, tanto na cidade como no interior, pois a evolução dos tempos tem contribuído para modificar alguns dos ridículos hábitos do homem.

CEAR LARGA

Antigamente, não só na zona rural de Forquilha, mas também nas demais regiões nordestinas, as famílias mais pobres usavam almoçar e jantar sentadas no chão ao redor de um couro de gado ou de uma esteira de palha de carnaúba, como espécie de toalha de mesa.

Junto à panela de barro a dona de casa sentada no chão repartia a comida nos pratos de barro ao esposo e aos filhos, e após a "Cear larga", ensinavam rezas aos meninos. "Deus quem nos cria, Deus que nos dá o sustento, bendito louvado seja e ao Santíssimo Sacramento. Em nome do pade, do fio e o espírito santo. Amém".

Depois íam ao pote que se encontrava montado numa forquilha de madeira com três ganchos e bebiam água no único caneco de flandres enferrujado, e os sobejos jogavam no pé do pote.

Os costumes e hábitos dos nordestinos, principalmente na região da mata, são muitos, por exemplos: o rurícola não teme andar sozinho seja de noite ou de dia, gosta de tomar água em cabaça, gosta de cantar e assobiar nos caminhos ou mesmo dentro de casa, gosta de montar em burros e cavalos bravos, gosta de ser vaqueiro e correr no mato atrás de bois, gosta de pescar e caçar, gosta de mascar fumo e de tomar rapé de fumo, gosta de dançar nos forrós, de puxar faca e de brigar por qualquer motivo, gosta de tomar pinga e de "puxar fogo", como eles dizem na gíria popular; gosta de um chapéu de palha na cabeça, gosta de usar uma grande faca na cintura, toca rabeca, violão e outros instrumentos como bandolim, reco-reco, berimbau, pífaro, sanfona e bater viola nas festas de São Gonçalo. Enfim o caboclo sertanejo vive alegremente cantando e assobiando, dançando no seu meio sem pensar em más coisas, pois admira o adágio popular: "Só tenho os caminhos e as veredas para andar e o belo céu com as estrelas para eu cumprimentar-lhe".

Outro costume muito comum no meio dos rurícolas é o de comerem com as mãos fazendo "bolão", inclusive gostam de "dar de comer" ao gato e ao cachorro que sempre se encontra ao seu redor nas horas de refeições. Pois a maior satisfação é a de jogar comida no chão para o seu animal de estimação.

DIVERSÕES

PASSATEMPO

A mocidade passada do distrito de Forquilha costumava a promover brincadeiras de "esquerda desocupada" e de "passagem do anel". Esse passatempo era característico nos terreiros das fazendas, principalmente nas noites de luar.

Esses tipos de passatempo se realizavam da seguinte maneira:

ESQUERDA DESOCUPADA: As moças e os rapazes, sentados em forma de círculo deixavam um lugar desocupado, que era o da esquerda; quem tinha sua esquerda desocupada estava com a oportunidade de preenchê-la com uma das pessoas do círculo. Quando um preenchia sua esquerda, outro ficava com sua esquerda desocupada e que tinha a oportunidade de preenchê-la e assim sucessivamente. . . Muitos jovens, no entanto, durante a brincadeira não eram chamados a ocupar nenhuma esquerda. Isso para os demais era motivo de risos, gargalhadas e gozações, pois aqueles ficaram "mofando" todo o tempo, isto é, permaneceram sentados numa mesma cadeira.

PASSAGEM DE ANEL: Rapazes e moças sentavam-se numa mesma linha horizontal. Um dos participantes pegava do anel e, ao passar pelas mãos de todos, deixava-o nas mãos de um dos participantes. Logo após perguntava a um dos rapazes ou a uma das moças pelo anel. Aquele respondia que estava na mão de outro; se acertasse iria passar o anel, caso contrário, o outro era o inquirido sobre onde estava o anel. Isto sucessivamente, até se descobrir com quem se encontrava o anel.

Esses passatempos deram origem a muitos namoros que terminavam em casamentos. Hoje, ainda há muitos casais que foram "vítimas" da brincadeira do "anel" ou da "esquerda desocupada".

Em nossa antiga Vila, houve muitas noites animadas no terreiro da residência do Senhor Miguel Costa, nos anos de 1940, quando suas filhas (Maria, Zélia, Nazinha, Irismar, Tereza) juntamente com os rapazes de sua época, realizavam noites de esquerda desocupada e de passagem de anel.

Outro divertimento apreciado pelas filhas do Senhor Miguel Costa eram os dramas em forma de comédias, realizados por elas mesmas como atrizes, elegantemente trajadas.

FORRÓS DA RIBEIRA

Os maiores forrós da ribeira forquilhense, até o ano de 1950, foram realizados nas localidades de Campo Novo, São Lourenço, Logradouro, Várzea da Pedra, Cachoeira das Moças, Humaitá, Ipiranga, Canudos, Telha, Luz,

Caiçara, Cajazeiras, Cacimbinha, Maratona, Andreza, Várzea da Cobra, Salgado dos Melos, Salgado dos Mendes, São Félix, Escondido Rocha, Nambi e outros.

Essas alegres festas de latadas na base da lamparina e querosene foram animadas pelos tocadores de harmônica Raimundo Pedrosa, Joaquim Pedrosa, João Pedrosa, Gerardo Ferreira, Antônio Ferreira, Miguel Ferreira, Pedro Nicásio, Zé Colondongo, Zé Café, Raimundo Dico e Chagas Henrique.

Na maioria das vezes, durante o transcorrer do evento, havia grandes confusões entre os dançarinos, porque uns gostariam que tocassem chotes, outros samba, outros valsa, e por fim terminavam brigando de facas, paus e outros objetos. Houve muitas mortes durante as brigas em festas de nossa região.

Porém, nas décadas de 60, 70 e 80, foram diminuindo as lutas entre os participantes dos forrós realizados na área rural do nosso Município. A modernização talvez tenha sido a responsável pela mudança de comportamento do homem nas diversões que participa. Hoje, praticamente não há desordens nas festas do interior, principalmente na nossa região, sendo a maioria dos forrozeiros pacatos e muito corteses. Se as gerações anteriores brigaram demais nas festas por embriaguez, por não gostar de dançar chotes ou valsas, ou até mesmo por não gostar que a namorada dançasse com um companheiro, atualmente, não se repetem estas ações nada civilizadas.

É bom registrar que os forrós são elementos da tradição e do folclore nordestino, os quais são admirados e estudados pela Sociologia como um dos divertimentos mais saudáveis do sertanejo, principalmente do Nordeste. No entanto, exclui-se as brigas e as desordens, pois nisso nada há de tradicional, e sim de grotesco.

SECAS

ANOS SECOS

Fundamentado em pesquisas feitas em boletins e relatórios elaborados por técnico do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), assegura-se que há irregularidade de chuvas no Nordeste brasileiro desde o século XVII; porém pouco se sabe sobre as áreas mais atingidas e o número de vítimas em toda extensão nordestina, durante os flagelos. Encontram-se como anos secos nesse século os seguintes: 1603, 1614, e ainda o de 1620. Quanto ao século XVIII apresentou 1723 a 1727, 1737, 1744 e 1745, 1777 e 1790, como sendo os principais.

Com referência ao século XIX, temos notícias mais esclarecedoras, embora ainda muito deficientes, principalmente relativa à seca de 1877, denominada de a "seca-tipo".

NOTA:

Durante a seca de 1877, a mortalidade no Estado do Ceará e vizinhanças foi de 50% da população. Dos mortos de 1877 a 1879, calcula-se que 150 mil faleceram de inanição indubitável; 100 mil de febres e outras doenças; 80 mil de varíola e 180 mil de alimentação venenosa ou exclusivamente de sede.

Ainda no século XIX foram secos os anos: 1809 e 1810, 1816 e 1817, 1824 e 1825, 1844 e 1845, 1877 e 1879, 1888 e 1889.

Nessa época sua situação política administrativa e os meios de comunicação para o pequeno número de habitantes da região atingida eram fatores quase ignorados. Somente nas maiores crises, quando ocorriam muitos óbitos, ora que os clamores da população chegavam ao Poder Central, e este mandava irrisória ajuda, considerada uma autêntica esmola.

Os sertanejos, por falta de socorro, obrigava-se a procurar o litoral a pé, para sobreviverem, e muitos não resistiam à caminhada, à fadiga, à fome e à sede e morriam no meio do caminho.

Já no século atual, os anos de 1900, 1915, 1919, 1920, 1931, 32, 36, 42, 51, 58, 79 a 83, marcaram como os principais anos secos, mas a persistente interferência do Governo Federal amenizou o efeito produzido nos séculos anteriores, através de construção de barragens, de poços profundos e de projetos de irrigação.

REBENTÃO

O rebentão do ano de 1942 obrigou muitos moradores do Distrito de Forquilha e se deslocarem de suas moradias para trabalharem na construção da

estrada de ferro que liga Fortaleza a Sobral. O trecho era entre a Fazenda Cacimbas e o povoado São Pedro da Timbaúba, município de Itapipoca.

Os pobres sertanejos faziam a escavação de valetas por irrisória remuneração o metro cúbico de terra, e muitos dos dias não ganhavam o valor de uma diária, equivalente à quantia de quatro mil réis.

O trabalho de escavação era árduo e dependia da força dos braços dos operários, pois muitas vezes o terreno duro não lhes facilitava a escavação. Por isso não conseguiam atingir o número de metros cúbicos suficiente para lhes assegurar uma boa recompensa. Lamentável era a fome que cada trabalhador passava para economizar do pocuo ganho para no final de semana levar para a família, que se encontrava em estado de carência.

Os "cassacos", como eram chamados, aos sábados aglomeravam-se nos fornecimentos para receberem o saldo da semana em troco de "farinha d'água", café em caroço, carne de jabá, rapadura, sardinha em lata e muitas outras mercadorias.

Muitos desses operários somente eram despachados pelos escrivães de fornecimento lá para as tantas da madrugada, e além de tudo retornavam para suas casas a pé, conduzindo de 20 a 30 quilogramas de mantimentos por caminhos pedregosos e estreitos de passagem.

Mas o rebentão de 1942 não só fez o homem do campo ser cassaco, como também arrancador de pedra rútila nas margens de riachos e grotas, existentes na área do Distrito de Forquilha.

Este tipo de atividade salvou muita gente de morrer de fome, pois o ano de 42 foi muito escasso de dinheiro para o nordestino, levando alguns pequenos proprietários a se disporem de suas terras por preços aquém do valor real.

SECA DE 1983

A seca de 1983 foi uma das mais violentas deste século, principalmente nas regiões de Crateús, Santa Quitéria, Canindé, Nova Russas, Tamboril, Tauá, Irauçuba, Itapipoca, e quase todo o Nordeste.

O Governador do Estado Luiz de Gonzaga Fonseca Mota muito fez para adquirir recursos com o Governo Federal, através do Ministério do Interior, junto à SUDENE. Foram liberadas muitas verbas federais a serem destinadas aos flagelados pelas secas consecutivas que castigaram os nordestinos por cinco anos.

As precipitações pluviométricas, durante a estiagem, foram baixíssimas, que não deram para atender à agricultura, apenas precariamente solucionaram o problema da pecuária.

Quase todos os reservatórios do plano estadual, federal e particular não tomaram água suficiente para atender aos habitantes da região nordestina. Por exemplo: os açudes de Santo Antônio de Aracatiaçu, Santa Maria, Patos (Sobral), São Gabriel (Irauçuba) e São Pedro da Timbaúba (Itapipoca) secaram totalmente. O Açude Público Forquilha foi um dos poucos que permaneceram com certa quantidade de água para atender precariamente à população.

O ano de 1983 foi recorde em escassez dágua até mesmo na Capital cearense, pois os açudes Gavião e Pacoti tiveram de ter suas águas racionadas pelo sistema de abastecimento (CAGECE).

As atividades governamentais, tanto o Governador do Estado como o próprio Presidente da República João Baptista de Oliveira Figueiredo, foram totalmente voltadas para o problema da falta dágua para as populações do sertão nordestino. E graças ao empenho dos governantes, o povo foi atendido com água potável transportada em carros-pipa e jamantas diariamente, e até mesmo em vagões de trens para Crateús, Nova Russas, Reriutaba e Bonsucesso.

Quanto à sede o nordestino foi amenizado razoavelmente, mas a fome não. O Governo Federal, junto ao Ministério do Interior, criou um paliativo, os famigerados "bolsões da seca", proporcionando um mísero "salário" de Cr$ 15.000 (quinze mil cruzeiros), o que não dava para comprar um litro de feijão diariamente, pois um litro daquele gênero era mais de Cr$ 500 (quinhentos cruzeiros). Tudo isso sofreu o pacato nordestino durante o ano de 1983, denominado de "o ano da seca, da fome e da miséria".

Muitos armazéns foram saqueados pelos flagelados, principalmente onde existiam mercadorias estocadas do próprio governo. Embora o Governo tenha mantido o sistema de distribuição de sacolas de alimentação, através da LBA, não foram suficientes para aliviar a fome do sertanejo, pois além de serem em irrisórias quantidades, eram mal distribuídas pelos encarregados de tal missão. O exemplo tivemos aqui.

Para os que assistiram à triste e lamentável cena, reprovaram a forma como foram distribuídas as pequenas sacolas. Muitos não chegavam ao ponto onde o despachante estava entregando, pois antes de chegar ao local eram esmurrados, derribados e eram-lhes rasgadas as vestes, devido o tumulto ser muito grande. Este triste acontecimento ocorreu nas imediações do Centro Social Francisquinha Parente Prado.

Enfim, foi registrada no Nordeste uma tragédia estarrecedora: uma pai de família matou quatro filhas, a mulher, a sogra e depois tentou o suicídio, por causa do desespero e da situação em que se encontrava com a família, sem ter nada para se alimentar.

Outros fatos que marcaram negativamente os forquilhenses durante a seca de 1983 foram a diminuição do volume dágua do Açude Público Forquilha, que chegou ao nível de 636.000m^3, quando seu volume total é de 50.132.000m^3; e o trabalho das mulheres de baixa renda que era o de varrer as ruas e as praças poeirentas para ganhar o mesquinho e irrisório ordenado dos "bolsões da seca".

Não se poderia deixar de registrar que no início do mês de dezembro, chegavam na nossa Vila 10 carros-pipa, para atender à população forquilhense. Os caminhões despejavam água nos tanques da CAGECE, e, em seguida, era jogada para a caixa distribuidora por meio de um motor-bomba e de lá solta para as moradias do povo forquilhense.

Antes dessa operação, uma parte da população comprava água vinda da cidade de Sobral, em carros particulares. O custo era de Cr$ 200 (duzentos cruzeiros) por cada 20 litros.

Acreditamos que quem vai resolver o problema da seca não é a SUDENE, não é o Banco do Nordeste, não são as frentes de serviço, não são os "bolsões da seca", não é a Reforma Agrária e nem mesmo a eleição direta para presidente; quem pode resolver o problema da seca é o DNOCS, cumprindo a finalidade para a qual foi criado, que é a de construir açudes e canais de irrigação.

ALTO SUFOCO

O Açude Público Forquilha armazena 50.132.000m^3 dágua. Mas devido as secas ocasionadas de 1979 a 1983, seu volume desceu para 636.000m^3 dágua imprestável para o consumo humano.

A população forquilhense viveu momentos dramáticos, em virtude da falta dágua até mesmo para cozinhar.

Para que fosse sanada essa situação lamentável, esperava-se das autoridades municipais, estaduais ou federais uma providência imediata, pois a única água existente era conseguida em duas cacimbas abertas no pé da barragem principal do açude, por iniciativa do próprio gerente do Perímetro Irrigado de Forquilha, Engº Agrônomo José Ferreira Gomes Martins, cujo gesto humano foi louvável.

Mas, felizmente surgiram os carros-pipa trazendo água do Rio Acaraú, da cidade de Sobral. Como a necessidade da população era extrema, a distribuição tornou-se inviável nos próprios carros, porque o problema de muitos continuava, uma vez que não tinham conseguido vencer a aglomeração de pessoas que formava durante a aquisição.

Dias depois, por iniciativa do Vereador José Antônio Dias Carneiro, a água dos carros-pipa era colocada dentro dos tanques da CAGECE, recuperando assim o sistema de abastecimento dágua na cidade, o que razoavelmente resolveu o problema. No entanto, não era suficiente para atender à população, pois em determinados locais a água não chegava por falta de pressão suficiente. Com isso muita gente suspendeu o pagamento do consumo à "Dona CAGECE".

NOTA (1)

Com o intuito de amenizar o problema da seca no Nordeste, o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) tem se empenhado em fazer os mais variados estudos para aproveitamento dos rios e córregos que proporcionam condições de manterem barragens ou açudes.

No atual Município de Forquilha, há um estudo feito de agosto de 1934 a novembro do mesmo ano, para a construção do Açude Sabonete aproveitando as águas do Rio do mesmo nome. É lamentável que as águas abundantes desse Rio, não sejam aproveitadas, principalmente em nossa região onde a carência do precioso líquido é tão grande nos processos de irrigação e para outras necessidades.

Espera-se que nossos representantes e governantes tenham sensibilidade suficiente para se empenharem nesse tão valioso empreendimento.

NOTA (2)

O menor Volume dágua apresentado pelo Açude Público Forquilha foi registrado pelo autor deste documentário, utilizando-se de um estacote que foi assentado ao pé da barragem principal às 16:30 do dia 20.01.84. Este marco foi encoberto no dia 23.03.84, quando o Volume já era de 4.253.000m^3, ficando 6.50m acima do referido marco.

Descoberto um dia, ali está o registro das secas de 1979 a 83.

TRANSPORTE

CARRO DE BOI

Nos sítios e fazendas de nossa região, até meados do presente século, havia muitos carros de boi. Eram freqüentemente usados como meio de transporte de cargas, como sejam: cana-de-açúcar, milho, feijão, algodão, madeira, lenha e de mercadorias de primeira necessidade do povoado mais próximo da fazenda ou sítio.

O carro de boi era feito a machado por moradores das fazendas ou das localidades vizinhas. Suas peças eram: duas rodas de tábua de madeira de pau-branco montadas em um arco de ferro; um eixo de madeira de pau d'arco, um cambão de madeira de pereiro, uma canga de madeira de pau-branco, um lajão de tábua de pau-branco, seis agulhas de madeira frei-jorge, brochas de sola (duas) e o denominado "cantador" ou "gritador", uma das peças mais importantes do carro de boi. Esta peça era localizada no eixo das rodas a fim de ampliar o grito do carro.

Para que o carro de boi gemesse mais alto, o carreiro pisava sebo de gado misturado com carvão vegetal, e aplicava na boca do leão (gritador). De longa distância se ouvia a voz do carro gemendor, que, de acordo com a pisada da junta de boi, se sabia logo que o pobre gritador vinha viajando com uma pesada carga, pois seu hem-hem-hem. . . transmitia seu maldizer.

O cantar, o grito, o gemido, o choro do carro de boi simbolizava o tipo de transporte da região e sensibilizava a muitos moradores das fazendas e dos sítios. A saudade, a lembrança, a ausência, o afastamento daqueles que já haviam viajado para o além, deixando-os com recordação do passado, do conviver do dia-a-dia no mundo em que viviam.

Muitos pensam que o carro de boi está nos museus, mas é o contrário, ainda existem muitos carros de boi nas fazendas e nos sítios do interior do País, e mesmo no sul de nosso Estado. O carro de boi nos dias atuais é o transporte mais econômico do País.

Muitos forquilhenses lembram-se do carros de bois dos Sítio Vila Nova, do Sítio Santa Izabel, do Sítio São Félix, do Sítio Escondido, da Fazenda Vencedora, que diariamente transportavam dos baixios de cana-de-açúcar para os engenhos de moagem.

O JEGUE E O BURRO

Nas décadas de 30 e 40 e até meados de 1950, os poucos comerciantes da Vila de Forquilha usavam como meio de transporte o jegue e o burro, principalmente no transporte de mercadorias de Forquilha para Sobral e vice-versa, nos dias de quarta e sábado.

Este meio de transporte dificultava um pouco na quantidade de mercadorias a serem transportadas, em virtude da maioria dos animais só poderem transportar no máximo 120 quilogramas.

O pior de tudo era quando chegava o inverno, pois o Rio Acaraú e o Rio Sabonete não davam passagem para os jegues e burros com as cargas de mercadorias, devido estarem com muita água.

E o que fazia?

Toda a mercadoria era transportada para o outro lado em canoas. Tanto acontecia na passagem do Rio Acaraú como na travessia do Rio Sabonete. Ocorria isto porque ainda não eram construídas a ponte Otton de Alencar e a ponte sobre o Rio Sabonete. Somente depois da construção da BR-222, foi que veio a facilidade do tráfego de animais de cargas.

Mas com a evolução do tempo, surgiram os primeiros caminhões de propriedade dos senhores José Martins Viana e José Edmundo Viana (Zequinha Martins) que faziam horários às quartas e aos sábados, de Forquilha a Sobral, transportando mercadorias e passageiros, tanto da Vila de Forquilha como das fazendas do até então Distrito.

Atualmente, está tudo mudado; o pequeno, o médio e o grande comerciante forquilhense não usa mais o jegue ou o burro, mas o carro que muitas das vezes vende e entrega a mercadoria na porta do próprio comerciante (dono da mercearia).

As longas caminhadas pela madrugada a pé ou montado em cavalos, jegues e em burros que se submetiam com destino à cidade de Sobral já não mais ocorrem. Doravante estas caminhadas serão feitas por carros próprios ou de ônibus de luxo das diversas empresas cearenses que circulam pelo Centro de Forquilha, de Norte a Sul do País e do Estado pela BR-222 e CE-230.

S O C I E D A D E

ELEGÂNCIA

De 1935 a 1950, a juventude forquilhense promovia elegantes bailes na residência do Sr. Luís Lourenço, situada à Rua do Comércio. Esta residência, hoje, pertence uma de suas partes ao Sr. José Maria Prado e outra ao Sr. Antônio Lima, ambos comerciantes na mesma rua.

O Sr. Luís Lourenço e sua esposa, Dona Chiquinha Lourenço, cediam sua casa para as realizações das festas, porque existia entre o casal e a mocidade um grande laço de amizade.

Os bailes propriamente ditos eram elegantes e animados pelo som de orquestras vindas da cidade de Sobral e da Capital Cearense, contratadas pelos jovens: José Martins Viana, Francisco Petronilho Filho, Rui Ramos, Luiz Martins Viana, Zequinha Martins, Jeremias Martins, Aloísio Gomes de Araújo, Simão Ferreira da Ponte, Antônio Pompeu, Raimundo Eufrásio, Rogério Antunes Pereira da Silva, Mário Ramos, Antônio Genésio de Vasconcelos, Manuel Jerônimo da Costa, Benedito Cavalcante Vasconcelos e outros.

Para que estes bailes tivessem mais elegância, as filhas de Francisco Martins, de Jerônimo da Costa, de José Cordeiro de Vasconcelos, de Messias Ramos expediam convites às moças da alta sociedade sobralense, para se fazerem presentes ao acontecimento.

O traje das senhoritas era socialmente adequado à denominação dada ao acontecimento. Os rapazes trajavam passeio completo como mandava a etiqueta social.

Também houve muitas festas animadíssimas nas residências dos engenheiros encarregados do Açude Público Forquilha. Destacamos as realizadas com o patrocínio de Sebastião de Abreu, figura benquista da sociedade sobralense, e Jacinto Antunes Pereira da Silva.

Ainda muito criança lembro-me da inauguração da residência do Dr. Manoel Morais da Costa, engenheiro do DNOCS, quando foi realizada uma grande festa, com a presença de muitos convidados para o evento.

As bebidas tradicionais da época eram: Vinho Moscatel, Vinho Mosca, Quinado, São João da Barra, Guaraná e Cerveja quente. Todas elas muito apreciadas.

Salientamos que na década de 40, houve muito samba no Sítio Santa Izabel, promovido pelo jovem Salustiano Gomes de Freitas (Salu). Essas festas eram animadas pelos sanfoneiros Raimundo Pedrosa e Gerardo Ferreira. As noitadas do Salu foram comentadas por muitos anos, não só em Forquilha mas também na cidade de Sobral. Ali foram realizados os mais animados "chitões" de todos os tempos.

GRÊMIO RECREATIVO FORQUILHENSE

O Grêmio Recreativo Forquilhense foi fundado pelo jovem Antônio Gomes de Oliveira no ano de 1962. Teve sua sede provisória à Rua do Comércio, vizinho à casa de Izaura Farrapo Muniz (Dona Izaura).

Esta agremiação foi extinta por perseguição política de pessoas que não se contentavam com a administração de seu presidente. Mas o incansável lutador pelo desenvolvimento social de Forquilha, Antônio Gomes de Oliveira, não convencido, não desistiu de continuar sua luta. Consegui terreno com o Sr. José Martins Viana, construiu um novo prédio, para criar uma nova associação, utilizando-se da venda de ações. Trata-se de Orquídea Clube de Forquilha.

A Diretoria do Grêmio Recreativo Forquilhense era muito rígida quanto ao ingresso de pessoas em seu quadro social, pois não eram aceitas pessoas de cor preta e nem moças que fossem filhas de casais amasiados. Todas as festas dançantes eram em traje passeio completo. Pode-se afirmar que a sociedade do Grêmio era discriminadora.

A primeira diretoria tinha os seguintes membros: Antônio Gomes de Oliveira (Presidente); José Osmar de Oliveira (Secretário); Abelardo Cavalcante de Vasconcelos (Tesoureiro); Benedito Holanda Cavalcante, Osmundo Carneiro, José de Oliveira, Amália Paiva de Oliveira, Valdemar Jerônimo Prado, Antônio Sandoval de Vasconcelos, Manoel Juarez de Siqueira, Wilson Gomes de Oliveira, Carlos Torres de Vasconcelos e Manoel Madeira de Albuquerque (Diretores).

EDUCAÇÃO

O ENSINO NAS FAZENDAS

A nossa região foi colonizada desde o século XVIII, quando os portugueses chegaram aqui e tomaram posse da terra, até 1822, ano em que nossa Independência foi proclamada.

Durante todo esse tempo não existiu nas fazendas de nossa região um sistema de ensino, isto é, não foi criada uma educação sistemática. Somente os filhos das famílias mais ricas recebiam uma instrução geral, que era dada por professores particulares.

Geralmente, esses professores ensinavam leitura, escrita, gramática, aritmética, além de moral e religião.

Isso, porém, era privilégio dos filhos homens. As mulheres eram educadas para serem donas-de-casa e mães de família. Aprendiam a bordar, costurar, fazer renda e labirinto.

Elas mal tinham permissão para aprender a ler e a escrever, pois os livros não eram considerados uma coisa boa para uma moça.

O resta da população era formada por gente pobre, educada apenas pelo convívio com a família e, depois, pelo trabalho e pela vida.

NOTA

Ao contrário da educação do passado, a escola de hoje educa as crianças e os jovens sem distinção de cor, de raça, de sexo, de crença e de poder econômico, de forma organizada e sistemática, transmitindo para o educando um conhecimento geral de habilidade para seguir e obedecer às regras da vida.

NEM TODOS SABEM

Nem todos forquilhenses sabem da existência, em nosso novo Município, dos vestígios de um Grupo Escolar Estadual, construído em 1950 ao início de 1951, por Luiz Martins Viana, às margens da BR-222 entre o Km 209/210, de quem vai para Sobral.

Teve como professora e ao mesmo tempo diretora Maria Carolina Magalhães Martins (Marrina), esposa de Luiz Martins Viana.

Esse prédio, em virtude de sua construção não ter sido cuidadosa, pouco a pouco as paredes foram rachando e terminou caindo.

A única lembrança que ainda nos resta no local é um pé de tamarindo e as marcas dos alicerces de tijolos.

GRUPO ESCOLAR JOSÉ GUIMARÃES DUQUE

O Grupo Escolar José Guimarães Duque, de propriedade do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), foi construído em 1954 pelo engenheiro-agrônomo Odilon Cartaxo, natural da cidade de Condado (Paraíba). Este prédio teve como primeiros professores as seguintes senhoras: Marlene Maia de Carvalho Mendonça e Maria Aparecida de Araújo.

Nos anos de 1955, 1956 a 1957, estas duas professoras lecionavam para turmas de séries diferentes, isto é, crianças de alfabetização até o quarto ano primário, numa mesma sala de aula. Mas com a Reforma de Ensino de 1961, foi que veio a ser administrado pelas Escolas Reunidas as diversas séries do curso primário em salas separadas.

Quase todos os jovens das décadas de 60, 70 e 80 passaram pelo ensino dos professores do Grupo José Guimarães Duque, um dos pioneiros de Forquilha. Inclusive o Ginásio Vicente Loyola funcionou neste Grupo de 1970 a 1981, aproximadamente.

GINÁSIO VICENTE LOYOLA

O Ginásio Vicente Loyola iniciou bem suas atividades, com ótimos professores da cidade de Sobral, que diariamente vinham lecionar com muito amor à profissão que exerciam, oferecendo, assim, aos seus alunos, bons conhecimentos.

Este estabelecimento foi fundado em 1969 pelo forquilhense incansável Mons. Sabino Guimarães Loyola, que teve a coragem de enfrentar sozinho a criação de um colégio em sua terra natal, sem a ajuda de ninguém. Como faltasse o prédio, conseguiu, inicialmente, com a diretoria do Club União dos Artistas Forquilhenses a concessão de sua sede própria, até quando ele pudesse construir um prédio para funcionar seu colégio, quando poderia oferecer aos filhos de seus conterrâneos, melhores condições de estudo.

Mas no início do ano de 1970, o Conselho de Educação do Estado do Ceará, não aceitou o funcionamento do colégio no prédio do Club União dos Artistas Forquilhenses, porque existiam somente duas salas de aula, e havia mais de duas séries matriculadas num mesmo turno, não atendendo assim às exigências do Conselho.

Então Mons. Sabino, vendo que realmente o Conselho de Educação tinha razão, e para não prejudicar os alunos que já tinham terminado a primeira série ginasial, resolveu apelar para o Diretor do DNOCS, para lhe ceder as dependências do Grupo Escolar José Guimarães Duque que funcionava com as Escolas Reunidas somente no período da manhã.

Foi a Fortaleza levando um ofício em mãos e conseguiu o Grupo, dando assim melhores condições de funcionamento para seu colégio.

O bom forquilhense não pode negar os ingentes esforços que o admirável Mons. Sabino tem despendido por seus conterrâneos na área educacional. Ex-alunos do Ginásio Vicente Loyola são formados pelas Universidades Vale do Acaraú (UVA) e Federal do Ceará (UFC), testemunhando o valor daquela instituição.

NOTA:

"Ao meu ilustre conterrâneo e amigo externo os meus agradecimentos, por haver dado a mim a oportunidade de ingressar no Ginásio com a idade de 40 anos, para cursar a 1ª série do ginásio, onde fui bem acolhido pelos professores e consegui uma boa aprendizagem durante o curso."

DESFILE ESTUDANTIL

Pela primeira vez os alunos do Ginásio Vicente Loyola, fundado por Mons. Sabino Guimarães Loyola, desfilaram pelas ruas de Forquilha no dia Sete de Setembro de 1973, sob o comando da senhorita Luiza Helena Martins Pinto, que, tendo à frente do pilotão a aluna Maria Amélia Aragão, coordenava a marcha, dando uma das mais fortes demonstrações de civismo.

ENTREGA DE CERTIFICADOS

Na noite do dia 22 de dezembro de 1973, foram entregues no Orquídea Clube de Forquilha, certificados à segunda turma concludente do primeiro grau, do Ginásio Vicente Loyola.

Receberam certificados nesta noite os seguintes estudantes: Maria Silva Barreto (oradora da turma), Abelardo Cavalcante de Vasconcelos, Carlos Alberto Farias Linhares, Edilma Neres Prado, Edinardo Ximenes Madeira, José Madeira de Albuquerque, Francisco Fernandes Sampaio de Souza, José Gonçalves de Paiva, Valerina Frota de Souza, Helena Alves Rodrigues e Maria Amilta de Siqueira.

Era mais uma ênfase que se dava aos futuros e prósperos estudantes forquilhenses, para estudarem, a exemplo dos que no momento estavam recebendo certificados de término de curso, o que jamais poderiam receber antes da criação do Ginásio Vicente Loyola.

Gloriosa iniciativa de Mons. Sabino Guimarães Loyola.

QUEM É MONS. SABINO?

No dia 10 de fevereiro de 1935 nascia o sol com raios mais suaves e procurando entrar pelas fendas das portas e das janelas da casa de um jovem para avisá-lo de que o dia havia raiado.

Era o "menino de Campo Novo", Sabino Guimarães Loyola, que ía receber de Dom José Tupinambá da Frota a ordenação de sacerdote.

O ilustre sacerdote, filho de Diogo Alves de Loyola e de Patriolina Guimarães Loyola, de família tradicional do Distrito de Forquilha, nasceu no dia 25 de agosto de 1909, no povoado de Campo Novo. Teve uma infância como toda criança que nasce no interior, e foi alfabetizado por mestres sertanejos no dito povoado.

De inteligência admirável por todos, os pais acharam por bem interná-lo no Seminário Diocesano da cidade de Sobral para ser futuramente um sacerdote.

No "Casarão da Betânia", Sabino levou o tempo a estudar sem medir as horas e sem ter dificuldades para aprender Português, Latim, Grego, Francês.

Hoje, para Mons. Sabino Guimarães Loyola, de cabelos brancos e de meia idade, tiramos o chapéu, em virtude de seu valor como ministro da Santa Igreja Católica e por ser um dos grandes e raros lutadores pela educação forquilhense.

Seu nome ficará na História de Forquilha não só como um dos grandes ministros de Cristo, mas também pelo empreendimento educacional, na fundação do Ginásio Vicente Loyola.

Registramos nossa gratidão por tudo que tem feito pela educação da terra amada. E que a posteridade saiba honrar a figura inestimável deste incansável educador, Mons. Sabino Guimarães Loyola.

E V E N T O S

EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA

A primeira Exposição Agropecuária realizada no município de Sobral foi na Vila de Forquilha, aos 25 dias do mês de setembro de 1961, instalada na Praça da Igreja de São Francisco, nosso padroeiro.

Este evento teve como coordenadores a Prefeitura Municipal de Sobral e o Posto Agrícola de Forquilha. Na época o prefeito era o Doutor José Palhano de Sabóia e o Chefe do Posto Agrícola de Forquilha o engenheiro-agrônomo Washington Sales Luz. Mas também teve a participação do Vereador José Martins Viana e do suplente de vereador Joaquim Torres de Vasconcelos. Na abertura deste acontecimento estiveram presentes os pecuaristas e agricultores: Francisco Martins Viana, João Jerônimo da Costa, Gabriel Cavalcante de Vasconcelos, Manoel Aquino de Loyola e muitos outros da região.

Além da amostragem de máquinas e equipamentos agrícolas e de matrizes leiteiras das fazendas, foi exposto um aparelho, ou seja, um engenho de madeira que serrava mandiocas, movimentada por uma polia, que fazia contato com uma outra, e com os pés o operador fazia funcionar perfeitamente em alta velocidade.

Esta engenhoca foi inventada pelo agricultor Abílio Rodrigues de Matos, residente nas terras da localidade denominada Oriente.

Outro acontecimento importante durante a Exposição foi a realização de uma vaquejada coordenada pelo Vereador José Martins Viana, que cedeu um terreno onde hoje é situado o Centro Social Dona Francisquinha Parente Prado, para a realização do divertimento sertanejo.

Durante o decorrer da pega de gado, disputaram muitos vaqueiros, inclusive o autor deste documentário. Mas, por infelicidade, um dos vaqueiros caiu de seu cavalo, quando corria atrás de um boi, ficando sem sentidos. Foi levado às pressas para Sobral para receber socorros médicos. Este pobre homem escapou com vida, mas ficou fisicamente defeituoso.

DIA DO PESCADOR

A Divisão de Pesca e Piscicultura da 2ª Diretoria Regional do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) promoveu uma prova em canoas, nas águas do Açude Público Forquilha, no dia 29 de junho de 1974, coordenada pelo biólogo José Napoleão de Carvalho, Chefe da Divisão de Pesca e Piscicultura e pelo funcionário Juarez Castelo Branco, Presidente da Cooperativa dos Pescadores do Açude Araras, em comemoração ao Dia do Pescador.

Participou também das festividades o engenheiro Jorge Pinheiro da Silva, Gerente do Perímetro Irrigado Forquilha.

Participaram da disputa, pescadores dos Açudes Públicos Santo Antônio de Aracatiaçu, Santa Maria, Patos, São Pedro da Timbaúba, Ayres de Souza, Forquilha e Araras.

Houve distribuição de prêmios aos vencedores. O Gerente do Perímetro Irrigado de Forquilha mandou celebrar missa em ação de graças, convidou a banda de música da Prefeitura Municipal de Sobral para animar os festejos e ofereceu um coquetel na casa de hóspedes do DNOCS para a comissão encarregada do evento.

Nesse dia Forquilha viveu momentos de alegria, pois foi um dia de muito movimento de pessoas, não só no acampamento do DNOCS, mas nas ruas da Vila.

A festa do Dia do Peacador em Forquilha foi televisionada pelo Canal-2 de Fortaleza.

O Açude de Forquilha foi escolhido pelos dirigentes, visto à época está acima da soleira do sangradouro 1,25m, oferecendo boas condições para a corrida de canoas. Participaram da prova aproximadamente 20 pescadores.

UNIÃO FUTEBOL CLUB (Aniversário)

No dia 1º de maio de 1979, comemorou-se o trigésimo aniversário do mais antigo time de futebol de nosso Município: União Futebol Club, fundado a 1º de maio de 1949.

A comemoração teve a seguinte programação:

Horas	Atividade
8:00	Missa sonele na Sede do Club União dos Artistas Forquilhenses.
9:00	Prova "perna para que te quero" em bicicleta; distância: 6.000m. Pau de sebo na Praça Dona Mocinha.
10:00	Desfile estudantil na Rua Dante Valério, concentração na Praça Dona Mocinha
15:00	Visita dos atuais jogadores de futebol ao Cemitério São João Batista, uma homenagem póstuma aos inesquecíveis atletas: Pezinho, Rípino, Cucica, Buzo, Messias, João Cruel e Oswaldo.

Horas	Atividades
15:30	No Campo Laurindo Bomfim, uma merecida homenagem aos ex-jogadores fundadores do União, com distribuição de medalhas aos mesmos.
16:00	Partida de Futebol: União X Remo (de Araras), taça Tupinambá Frota ao vencedor.
20:00	Torneio de Futebol de Salão, taça Chagas Neto ao vencedor.
22:00	Festa dançante no Club União dos Artistas Forquilhenses.

"IN MEMORIAM"

Súmula do 1º jogo de futebol realizado em Forquilha, em 1º de maio de 1949.

Equipes: UNIÃO X HUMAITÁ
Local: Campo Maia da Areia (Hoje, Laurindo Bomfim)
Juiz: Manoel Juarez de Siqueira (fundador)
Formações: UNIÃO: Dionísio; Zé-Frota e Jeremias; Gonçalo, Epifano e Pezinho; Zé-Major, R. Maciel, F. Maciel, Heitor e F. Frota.
Humaitá: (omitimos a formação)
Resultado final: UNIÃO 1 X O HUMAITÁ
Artilheiro: R. Maciel (1º gol em Forquilha)

NOTA:

O juiz da partida no dia do aniversário do União Futebol Club é o mesmo Joarez Siqueira, fundador do Futebol de Forquilha. Juiz há 30 anos, e que recebeu nesta oportunidade o apito de prata, oferta dos jogadores fundadores da agremiação.

CINQÜENTENÁRIO DE FUNDAÇÃO DA VILA DE FORQUILHA

Em 1983 foi comemorado o Cinqüentenário da Vila de Forquilha quando foi cumprido extenso programa, com a participação de várias personalidades e do povo em geral.

Programa

Horas	**Atividades**
8:00	Hasteamento do Pavilhão Nacional pelo Sr. Prefeito Municipal de Sobral, Sr. Joaquim Barreto Lima, na Praça Dona Mocinha Viana.
8:30	Descrição de Forquilha, a cargo de Abelardo Cavalcante de Vasconcelos. Local: Praça Dona Mocinha Viana.

Horas	**Atividades**
9:00	Desfile do Tiro de Guerra de Sobral Local: Rua Criança Dante Valério
10:00	Corrida pedestre, promoção do CLUB UNIÃO; prêmios aos 1º, 2º e 3º colocados: 5.000,00; 3.000,00 e 1.000,00 respectivamente.
11:00	Leitura da Biografia de Francisco Martins Viana Local: Centro Educacional Vicente Loyola
15:00	Partida de Futebol: Campeão do 1º Turno X Campeão do 2º Turno – Copa Cinqüentenária – Taça Maximino Frota. Local: Campo Laurindo Bomfim

17:00	Denominação da Praça Juarez Júnior Local: Antigo campinho das Crianças (Campo Manoel Antônio) a cargo da Câmara Municipal de Sobral.
18:00	Inauguração do Munumento Cinqüentenário: Prefeitura Municipal.
20:00	Missa em Ação de Graças ao Cinqüentenário e em sufrágio das almas dos fundadores de Forquilha.
21:00	Lançamento do Livro "FORQUILHA: origem e evolução", de autoria de Abelardo Cavalcante de Vasconcelos. Local: Centro Educacional Vicente Loyola
22:00	Festa dançante no Club União dos Artistas Forquilhenses animada pelo Conjunto TONISOM.

NOTA

Promoção: Club União dos Artistas Forquilhenses.
Patrocínio: Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo.
Colaboração: Manoel Juarez de Siqueira, Abelardo Cavalcante de Vasconcelos, José Martins Viana, José Maria de Souza, Onélio Gomes de Araújo e Maximino Frota.

REMINISCÊNCIAS

COISAS QUE O TEMPO LEVOU

1. O tempo levou as caminhadas dos rapazes com destino às lagoas das várzeas do Tamanduá, com o objetivo de colherem flores de aguapé para oferecer às moças nos novenários do mês de maio, realizados na nossa capela, nas décadas de 40 e 50.

2. O tempo levou a matinal dos domingos de cada mês das moças e dos rapazes forquilhenses, que se apresentavam na Rua do Comércio de nossa antiga Vila.

3. O tempo levou a permanência de alguns circos brasileiros, compostos de bons palhaços do Sul do País, levando às famílias forquilhenses um espetáculo de bom gosto.

4. O tempo levou os carnavais de rua promovidos pelos jovens: José Martins Viana, Zequinha Martins, Osmundo Vasconcelos, Abelardo Cavalcante de Vasconcelos, Joaquim Torres de Vasconcelos, Carlos Torres de Vasconcelos, José Ferreira dos Reis (Vevé), Manoel Juarez de Siqueira, que impulsionavam o entusiasmo do folião forquilhense durante a sua trajetória da Rua do Comércio à Rua do Alto Alegre.

5. O tempo levou os jogos de futebol casados x solteiros, o que atraía uma grande platéia ao Campo Laurindo Bomfim.

6. O tempo levou os desfiles das escolas das professoras Maria José de Araújo e Maria Excelsa Cruz, nas datas de 7 de setembro (dia da Independência do Brasil), e 19 de novembro (dia da Bandeira Nacional), promovidos pelas duas simpáticas senhoras, que influenciavam as crianças a desfilarem ao redor do Santo Cruzeiro, cantando o Hino Nacional e o Hino à Bandeira do Brasil.

7. O tempo levou os dramas apresentados pelas filhas de Miguel Costa e de outras senhoritas forquilhenses.

8. O tempo levou a festa de Nossa Senhora de Nazaré de 11 a 15 de novembro, quando se fazia presente o Coronel Francisco Petronilho Gomes Coelho, juntamente com seus familiares e os demais fiéis de Forquilha, para festejar com alegria os dias de sua Santa Protetora.

São essas algumas alegrias do passado que renovamos no presente, para que tenham alguma significação no futuro.

Para muitos o passado é um defunto sepultado, mas há alguém que diz: "O passado é inverso do presente que leva ao futuro um motivo de lembrança".

RELATO

Quem não gostaria de reviver os festejos de meu Senhor São Francisco da Igreja de Forquilha, quando ali existiam jogos de roletas, de baralhos, de dados, de pretinhas, corrida de carrocéis lotados de rapazes e moças? Vendas de bolos de milho, pé-de-moleque, aluá de pega-pintos, pirulitos e enfiados num palito, (dez por um tostão), tantas roscas e tapiocas de goma de mandioca, (três por mil réis). Inclusive venda de fumo da terra e sergipano.

Quem não gostaria de beber novamente o cafezinho de Raimunda Souza e de Lima do Cecílio? Delas se recebia cortesia no local de suas bancas.

Quem não gostaria de reviver os sons das bandas de música de Santa Quitéria, de Santana do Acaraú e até mesmo de Sobral, quando no patamar da igreja animavam as festas de São Francisco?

Quem não gostaria de escutar os dobrados tocados às cinco horas da manhã, ao meio-dia e antes de iniciar as novenas? Horas em que a melancolia batia no coração de cada um, revivendo a saudade de alguém que já partiu.

Quem não gostaria de rever o passeio do Mons. Domingos ao redor da igreja, palestrando com um e com outro?

Quem não gostaria de lembrar a voz meiga e alta do leiloeiro João Carlos de Vasconcelos, quando levantava as prendas do leilão de meu Senhor São Francisco?

Quem não gostaria de ouvir estampido dos foguetes soltos nos novenários, colorindo o céu de estrelas e de fumaça?

Quem não gostaria de rever as catequistas preparando as crianças para a primeira comunhão? (Era no dia 4 de outubro).

Tudo isso faz lembrar um passado dinâmico e autêntico, vivido com muito amor e dedicação por parte daqueles que lutavam para alegrar e saudar a festa de seu Santo Padroeiro, nos idos de 1940 e 1950.

Quem não gostaria de divulgar os partidos vermelho e azul, formados pela juventude do passado, quando as moças procuravam as pessoas e pregavam um lacinho no bolso da camisa ou do paletó, vendendo votos para seu partido?

Quem não gostaria de assistir às quermesses promovidas pelas moças e rapazes da nossa antiga sociedade, quando eram ornamentadas de bandeirinhas de papéis de todas as cores?

Quem não gostaria de lembrar o passeio das moças e dos rapazes na Rua do Comércio de nossa Vila, após as missas e as novenas? Como era belo vê-los de mãos dadas!

Vale a pena relembrar tudo isso, porque faz parte da cultura de um povo e da expressão cordial do dia a dia...

CATEQUESE

A catequese é uma instituição muito antiga. O papel ou função que ela representa na cristandade é o de ensinar às crianças e jovens a doutrina de Cristo.

Para realizar seus objetivos, é dever do educador ensinar a religião às crianças de várias idades para a primeira comunhão.

O catecismo nas décadas de 40 e 50, em nossa Igreja, desempenhou importante papel na pessoa de Dona Livramento que se dedicava a ensinar às crianças de 7 a 10 anos de idade, no sentido de prepará-las para a primeira comunhão.

Dona Livramento, todas as tardes, nos dias de terça, quarta e sexta estava reunida com as crianças no patamar da igreja, para catequizá-las.

Não só eu, como todos os meninos do meu tempo, freqüentaram o catecismo de Dona Livramento. Dedicada ao ensino do admirável Mestre, de voz branda e macia usava de extrema delicadeza com todos.

Dona Livramento ficou em nossa memória e merece uma página na História de Forquilha.

SABATINA DA TABUADA

Dos três anos que estudei na escola da professora Maria José de Araújo, em Forquilha, o pior dia, para mim, era a sabatina da tabuada.

Não só eu, como todos os meninos do meu tempo, tinha grande pavor do argumento duro da mestra que colocava-nos de pé, em fila, e fazia perguntas rápidas e respondidas imediatamente, no espaço de 4 a 5 segundos. Caso o aluno da ponta da fila não respondesse corretamente, ela, com rapidez, passava ao segundo, ao terceiro, ao quarto, ao quinto e assim sucessivamente.

A mestra, de indicador esticado, apontava menino a menino, querendo uma resposta correta e ligeira, e aquele que acertasse recebia dela a palmatória e dava "um bolo" no companheiro que havia errado a pergunta.

Se todos errassem, ela era que dava o "bolo" de ponta a ponta. Dona Maria José, para nos embaraçar, perguntava propositalmente salteado todas as casas da tabuada de somar, diminuir, multiplicar e dividir, de um a dez.

Nos árduos argumentos, recebi muitos "bolos" de meus colegas, mas também dei muitos, os quais ficaram de lembrança para todos.

Os argumentos da inesquecível professora tinham como objetivo despertar o interesse nos alunos pela aprendizagem. O "bolo" não era, portanto, encarado como um castigo, mas como uma técnica de ensino moderna da época.

Nossa homenagem póstuma à mestra Maria José, para que o tempo não extinga seus esforços em prol da cultura e da educação forquilhenses.

SETE ESTRELAS

Sete Estrelas era um menino que morava por trás da Rua do Comércio de nossa Vila, nas proximidades da mercearia do Benedito Cavalcante de Vasconcelos, isto no ano de 1942.

Não lembro o nome de seus pais e nem sei de onde vieram. O certo é que o menino Sete Estrelas teve a criatividade como um dom e inventou o carro de pau de duas rodas, um eixo, uma forquilha e uma direção quase na extremidade do varão que tinha a forquilha, para facilitar o manejo das rodas.

Melhor descrevendo o carro de pau: duas rodas de madeira, relativamente pequenas, com um buraco no centro, onde era adaptado o eixo de madeira; uma roda em cada extremidade do eixo permitia o equilíbrio das rodas e facilitava o movimento para frente e para trás. Um varão de aproximadamente 3 metros com uma forquilha numa das extremidades que era colocada no eixo. A outra extremidade era colocada sobre o ombro do condutor, que tinha à sua frente uma direção de madeira, pregada em forma de cruz, para facilitar as manobras do carro de pau. No meio do varão era colocado um prego, onde com cordas se amarrava as cargas que se pretendia conduzir. As cargas, na época, mais freqüentes eram latas dágua ou feixes de lenha.

O invento do carro de pau teve grande admiração no meio das famílias forquilhenses, pois antes o abastecimento dágua para beber era feito somente em canecos de madeira em costas de jegues ou burros, quando não carregada em latas sobre a cabeça.

Com o surgimento do carro de pau, Sete Estrelas passou a ser o fabricante oficial, pois os meninos da redondeza acharam o carro tão interessante que conduzir água para casa se tornou muito mais um divertimento do que mesmo um trabalho.

O invento, rapidamente, chegou noutras cidades do interior do Ceará, principalmente, nas periferias onde a população não dispõe de água encanada.

Hoje o carro de pau já foi "aposentado", porque a vida moderna dispensa muitos dos objetos rústicos, mas úteis, dos meninos pobres.

"Tudo passa e a vida continua", mas jamais voltará aquele labor que fiz com tanto amor, pois eu gostava de guiar carro de pau.

TRONCHO

Troncho, velho jegue cardão, corcundo e manquejador, companheiro da saudade de minha infância, que a mandado de meu pai caminhávamos juntos lá para as bandas do Tamanduá, da Andreza, do Xique-Xique, do Sereno, do Campo Novo, da Várzea da Cobra e outras paragens à procura de capim e de palha de milho para alimentar à vaca Caioca, o cavalo Castoré, o burro Fidalgo. Merece lembrete nesta edição seu árduo trabalho.

Sempre viajávamos pela manhã e retornávamos à tarde, pois as caminhadas eram feitas a curtas passadas do amigo velhor Troncho, que não oferecia rapidez e espaço de tempo. Mas tudo o que passou entre o Troncho e o garoto quebrador de lâmpadas e soquetes no patamar da Igreja de Forquilha e pichador dos oitões com pedra de Tauá ficava em sigilo.

Nos caminhos e nas veredas que passávamos, escutávamos o cantar das cigarras e dos passarinhos, que anunciavam o repouso do meio-dia. Quando chegávamos em casa, situada à Praça da Igreja minha inesquecível mãe nos recebia carinhosamente, mas um tanto nervosa e logo vinha a pergunta: "Por que demoraram tanto?". Somente eu respondia: "Porque Troncho caminha vagarosamente e por isso demoramos".

O velho Troncho suado e cansado de olhar triste e de cabeça baixa nada respondia, apenas aguardava no terreiro o desabrochamento das cilhas que o prendiam e depois retornava ao curral, para o seu aposento.

Infelizmente, no ano de 1946 recebia sua carta de alforria em virtude do defeito físico da mão que se encontrava em estado de paralisia, quase inútil o caminhar.

A separação física foi um fato, mas a memória responsabiliza-se pela permanência do companheiro que jamais esquecerá as felizes jornadas à procura da subsistência de outros animais.

FUTEBOL DE MEU TEMPO

No meu tempo de jogador no União Futebol Club, o esporte de Forquilha era mais efetivo e muito mais vibrante pelos torcedores que faziam de tudo para acompanhar o time nos treinos de apronto, nas partidas oficiais locais e nas realizadas fora da sede do Club.

O União Futebol Club de minha época somou mais vitórias do que derrotas. Exibiu-se em grandes praças de esporte das cidades de Santa Quitéria, Massapê, Santana do Acaraú, Irauçuba, Groaíras, Cariré, Itapajé, Ubajara, Parangaba (Fortaleza) e muitas outras importantes praças.

Foi no ano de 1956 que o time forquilhense formado por: Pantico, Pote, Heitor, Birata (Abelardo), João Moreno, Manduca, Wilson, Zé Major, Zé Raimundo, Camucim, Manel, Luciano, Lino (goleiro) enfrentou o Brasil Esporte Clube da cidade de Parangaba, perdendo de 2 X 1 para o time daquela cidade.

A delegação forquilhense seguiu para Parangaba composta dos seguintes senhores: Presidente: Mauro Trajano Maia de Mendonso; Técnico: Manoel Juarez de Siqueira; Massagista: Francisco Maciel de Oliveira e outros delegantes.

De todas as visitas feitas pelo União de Forquilha, a que marcou na história foi sem dúvidas esta de Parangaba. A equipe foi muito bem recebida pela Diretoria do Brasil e pelo povo de Parangaba.

Jogamos bem, apesar de ter viajado cerca de nove horas num caminhão de carroceria de propriedade do senhor Miguelzinho Ferreira. Muitos, naquela oportunidade, estavam conhecendo Fortaleza, a Capital de seu Estado.

A ARTE DE CEGO

Há muitos fatos que poderiam ser considerados sem importância, mas que devido sua ingenuidade, terminam por merecer um lugar de destaque na nossa História.

Como exemplo citamos os benditos-louvados dos ceguinhos Mané-Chico e Jozino, cantados nos degraus do patamar da Igreja, antes das missas das sexta-feiras e dos domingos, inclusive nos festejos de São Francisco.

Os cegos assentados pediam esmolas, cantando e agradeciam no mesmo ritmo de voz aos que lhes dessem a esmola suplicada. Essas criaturas eram cegas de nascimento, mas pelo tato andavam sozinhas, principalmente, nos caminhos e veredas por onde passavam costumeiramente.

Mané-Chico habitava nas terras do Tamanduá juntamente com duas irmãs e um irmão. As irmãs chamavam-se Cunegunde e Francisca; o irmão Aniano. Este era débil-mental e tinha a mania de fazer coivara de mata-pasto debaixo dos pés de juazeiro que existiam perto de sua moradia.

Quanto ao cego Jozino do Campo Novo, este era esperto demais, pedia esmolas em Sobral, Forquilha, Santo Antônio do Aracatiaçu, em Santa Maria (Taperuaba) e nas fazendas e sítios.

Jozino chegou mesmo a pescar, mas não foi muito feliz porque foi preso pelo guarda do antigo Posto Agrícola de Forquilha, em virtude de está pescando em área proibida, por determinação do engenheiro-agrônomo Jacinto Antunes Pereira da Silva.

Tempos depois desse acontecimento, a prisão do cego Jozino do Campo Novo foi usada como arma para a campanha do candidato à Prefeitura de Sobral, Dr. João Alencar Melo, da UDN, contra Dr. Jacinto do PDS, o mesmo que mandara prender Jozino.

O episódio do cego virou gozação, pois a caravana do Dr. Alencar Melo levava o cego aos comícios e no palanque lhe perguntava: "Ceguinho, por que você foi preso?". O cego respondia: "Fui preso por causa de uma piabinha". "E quem foi que lhe prendeu?". O cego respondia: "Foi o Dr. Jacinto". E o povo com aquilo ria, batia palmas, um aplauso ao desabafo do cego do Campo Novo.

Outro fato que marcou a existência dos dois cegos foram as disputas entre si, para ver quem louvava mais as pessoas que lhes atendiam, estendendo a mão com uma irrisória moeda. Mas tudo acabava às mil maravilhas, pois os dois entendiam-se muito bem.

É triste, mas ficou na memória o passado daqueles que pediam esmola cantando e louvando as pessoas que lhes estiravam a mão, e deles recebiam, em troca, palavras de amor, de carinho e de agradecimento, não só pela ajuda mas pelo gesto cristão.

MEMÓRIA DE UMA CRIANÇA

Ouvi minha mãe muitas vezes dizer que Dom José Tupinambá da Frota havia deixado de celebrar uma missa na capela de Forquilha, sem dar a mínima satisfação ao povo. "O motivo que o levou a não celebrar a cerimônia religiosa, dizia minha mãe, talvez fosse por não estar bem de saúde, ou porque tivesse observado algumas mulheres de vestes indecentes". Era o que minha mãe tinha a comentar.

Com o passar do tempo, Lustosa da Costa narrou em seu livro "Sobral do meu Tempo" o ocorrido na capela de Forquilha.

Dom José com raiva era capaz dos maiores destemperos. Cabeça fria, era um cristão verdadeiro, generoso e liberal.

Mas, por ocasião da celebração, Dom José ao abrir o gavetão da cômoda da sacristia deparou-se com a bagunça reinante: capas, estolas, alvas e solidéus embolados e sujos. Tudo numa tão perfeita confusão, que deixou escapar o seguinte comentário crítico:

"Padre-vaqueiro"!

Porém, para não passar às brancas nuvens, o Padre Domingos Barreto de Araújo celebrou o ato religioso.

CONSTRUÇÃO DO AÇUDE PÚBLICO FORQUILHA

O estudo do Açude Forquilha ocorreu quando o sobralense João Tomé de Sabóia e Silva era Governador do Estado do Ceará, de 19 de julho de 1916 a 19 de julho de 1921. O Governador era um homem de muito prestígio na época. Atendeu ao pedido de José Jacome de Oliveira, prefeito de Sobral; conseguiu arranjar com o Poder Central o estudo do atual Açude. A sondagem para a construção foi iniciada em 1917, mas somente em 2 de maio de 1919, aproveitando a grande seca que assolava o sertão nordestino é que foi iniciada a construção do Açude. Nesse ano (1919) foi feita a desmatação e, em seguida, o início da construção das barragens auxiliar e principal.

O engenheiro construtor do Açude era o Sr. Domingos da Silva Campos, que chegou à nossa terra no início do mês de abril de 1919, quando instalou seu escritório provisório na residência do Sr. Raimundo Nonato de Loyola, onde fez o alistamento dos operários.

Os operários vieram das cidades circunvizinhas como: Santana do Acaraú, Massapê, Jaibaras, Santa Quitéria, Groaíras, Meruoca, Ipueiras, Itapipoca, Irauçuba e outras.

O Açude Público Forquilha foi concluído no ano de 1927, tendo recebido suas primeiras águas no ano de 1929, pois 1928 foi uma seca parcial.

NOTA

No início da construção, os operários foram vítimas de uma epidemia, denominada gripe espanhola, que matou dezenas e mais dezenas de pessoas, as quais eram sepultadas em valetas coletivas. A mesma epidemia abalou os operários da construção do açude General Sampaio.

POSTO AGRÍCOLA DE FORQUILHA

Extinto que foi o Posto Agrícola de Pirajá, cujas terras e benfeitorias foram revertidas ao Estado, mediante termo de entrega, o engenheiro-agrônomo Inácio Wellery Barreira foi designado para iniciar o Posto Agrícola de Forquilha, no município de Sobral (CE), tendo ali chegado, definitivamente, em 15 de setembro de 1939. Antes de ir à sede da Comissão, a chamado, havia visitado o Açude Público Forquilha, e feito uma reunião com os irrigantes: Francisco Petronilho Gomes Coelho, Francisco Martins Viana, Silvestre Gomes Coelho e Henrique Lopes. De início recebeu somente uma casa de residência, em vista da construção dos canais de irrigação a cargo de Sebastião Abreu. Somente em dezembro de 1940, o Açude Forquilha e os canais de irrigação foram transferidos à administração da Comissão do Instituto José Augusto Trindade, sediada em São Gonçalo (PB).

Os chefes do Posto Agrícola de Forquilha foram os engenheiros-agrônomos: Inácio Wellery Barreira, em 1940; Osvaldo Souza Dantas (pequeno período); Jacinto Antunes Pereira da Silva, de 1941 a 1942; Manoel Morais da Costa, de 1943 a 1945; Ângelo Cearino Ray, de 1946 a 1947; Odilon Cartaxo, de 1948 a 1956; Ward Demétrio Souza, de 1957 a 1962; Washington Sales Luz, (pequeno período); Roberto Alves Gurgel, de 1965 a 1966; João Bosco Teles da Rosa, de 1967 a 1972; Francisco Pontes de Almeida, de 1973 a 1974.

No ano de 1974 foi implantado o Perímetro Irrigado Forquilha com o sistema de colonos-irrigantes. Gerentes do Perímetro: engenheiro-civil Jorge Alberto Pinheiro Silva e o engenheiro-agrônomo Jahet Castro Sales; engenheiro-agrônomo Luiz Carlos de Castro Veríssimo (pequeno período); técnico em administração de empresa Falb Ferreira Gomes (pequeno período) e o engenheiro-agrônomo José Ferreira Gomes Martins, de julho de 1977 à data atual.

FORMAÇÃO DA VILA

Durante a construção do Açude Público Forquilha, os operários vindos da redondeza se estabeleceram às margens do Rio Oficina, próximo à barragem, e deram o nome de "Rua do Garrancho".

Nesta rua existiam diversas bodegas, fornecimentos e venda de café aos operários.

Depois a rua foi demolida e se estabeleceram na Rua do Alto. Neste local existiam farmácia, padarias, fornecimentos de mercadorias de primeira necessidade, posto médico, inclusive a residência do engenheiro encarregado da construção. Esta rua permaneceu habitada por particulares até 1930, mas, de ordem do Diretor de Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, foi encampada ao órgão, tendo os habitantes que procurar outros locais para se estabelecerem.

Em 1932, com a construção da BR-222, surgiram novas ruas às margens da estrada em construção. Ei-las:

Praça da Igreja: João Jerônimo da Costa, Gabriel Cavalcante, Messias Ramos, Lanrindo Bomfim, Gabriel Gomes de Araújo, Luiz Alves de Araújo, Teodoro Alves Rodrigues e Joaquim Silvino da Silva.

Vila Nova: Luiz Henrique de Siqueira, Úrçula Ferreira de Souza, Pedro Avelino de Souza, David Ximenes Aragão, Antônio Rufino de Souza, José Manoel, Antônio Batista e João Carneiro Mesquita.

Rua do Comércio: Pedro Agostinho de Souza, Adonias Gomes de Oliveira, Francisco Batista Moreira, Manoel Mendes Carneiro, Luiz Lourenço da Silva, Galdino Gomes de Oliveira, Francisco Cordeiro de Mesquita e Antônio Genésio de Vasconcelos.

Praça Da. Mocinha Viana: Francisco Martins Viana, José Salvino Ferreira da Ponte, José Cordeiro de Vasconcelos e Aniceto Casimiro de Albuquerque.

São Francisco: Paulo Chagas, Vicente de Melo, João Rodrigues Mota, João Mesquita, José Tomaz e Raimundo Cavalcante de Vasconcelos (1949).

Bairro Papoco: Antônio Luiz (Bico Doce), Raimundo da Silva, Antônio Macaco, Vicente Ribeiro, José Egídio (Zezinho), Maria Bia, Francisco Lima da Silva (1945).

Bairro do Alto Alegre: Francisco Dias de Souza, Raimundo Nonato de Loyola, Sebastião Patusca, Júlia Jurema, Maria Diôgo, Manoel Antônio a Velha Trovão.

Tendo sido rápido o progresso do povoado, a 2 de maio de 1983 recebeu a categoria de Vila, com o mesmo nome dado ao Açude: FORQUILHA.

Em 1982 foram dados os primeiros passos para conseguir a categoria de Município.

CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO

EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE FORQUILHA

A emancipação política do Distrito de Forquilha deve-se ao autor deste documentário que, de iniciativa própria, saiu às casas de Forquilha com abaixo-assinado e uma pergunta aos moradores: "Você quer a emancipação do Distrito de Forquilha? Se quer, assine." Assim foi que o movimento iniciou. Desde os primeiros dias do mês de fevereiro de 1982 que o povo forquilhense tomava conhecimento da idéia de Abelardo Cavalcante que, bravamente, teve a coragem de enfrentar a campanha quase só, sem ninguém acreditar, pois, muitos diziam ser uma idéia maluca.

Falamos através de serviço de som para o povo nas ruas, nas praças, nos sítios e nas fazendas, levando a mensagem de que o Distrito de Forquilha tinha condições de ser Município. Lembramos ainda que éramos vítimas do desprezo político, uma vez que nossa terra natal vivia completamente abandonada pelos administradores do município de Sobral.

Com esses argumentos esperávamos sensibilizar a comunidade, que tão bem testemunhou nosso esforço por ocasião do plebiscito.

APOIO DOS ESTUDANTES

Cerca de 1.200 estudantes forquilhenses, de 1º e 2º graus, manifestaram a sua solidariedade ao movimento Pró-emancipação Política do Distrito de Forquilha, coordenado pelo líder comunitário Abelardo Cavalcante de Vasconcelos.

O apoio e compreensão dos estudantes foram brilhantes durante a campanha, levando às ruas cartazes com frases esclarecendo ao povo que Forquilha merecia receber a categoria de cidade, pois chegava de contribuirmos para com o progresso dos outros.

A adesão dos estudantes, da população urbana e rural fez com que as lideranças da cidade de Sobral aderissem ao movimento. Deputados, prefeitos, vereadores e até mesmo a sociedade sobralense passaram a apoiar a campanha dos forquilhenses.

ENCAMINHAMENTO DO PROGRESSO

Tendo em mãos o abaixo-assinado com assinatura de vários eleitores partimos para a formulação de um processo, o qual destinava-se ao Exmo. Sr. Governador do Estado do Ceará, solicitando a emancipação política de nosso Distrito.

Com o intuito de divulgar nossa campanha, tivemos um primeiro contato com a jornalista Silvana Ximenes Gomes Frota, correspondente do jornal O POVO em Sobral.

A jornalista escreveu a seguinte nota:

"SOBRAL (Silvana Ximenes Gomes Frota) – Os habitantes do Distrito de Forquilha, localizado no município de Sobral, a dezoito quilômetros desta cidade e 208 da capital do Estado, querem seu desmembramento do município de Sobral. Para tanto já encaminharam ao Governador do Estado, Cel. Virgílio Távora, um abaixo-assinado de 1.275 assinaturas, sendo 100 de eleitores de firmas devidamente reconhecidas."

Em 18.03.82, a exemplo dos moradores de Maracanaú, uma comissão composta dos senhores: Abelardo Cavalcante de Vasconcelos, Onélio Gomes de Araújo, José Ferreira dos Reis (Vevé), Joaquim Carneiro Neto, Mariano Rodrigues Lopes, Rildson Martins, Luiz Martins Viana, Manoel Juarez de Siqueira, encaminhou ao presidente da Assembléia Legislativa do Estado, na época o deputado Antônio dos Santos, um abaixo-assinado, solicitando a emancipação política do Distrito de Forquilha.

Eis na íntegra, o documento da comunidade de Forquilha:

"Os que o presente assinam, todos brasileiros, eleitores, residentes e domiciliados no Distrito de Forquilha, no município de Sobral, neste Estado, vêm à presença de Vossa Excelência, com fundamentos nos ditados do Art. 14 e seu parágrafo único da Constituição Federal, combinado com o Art. 144, inciso I e parágrafo primeiro da Constituição do Estado do Ceará; Art. 3º da Lei de Organização Municipal do Ceará, nº 9457, de 04 de junho de 1971; Lei Complementar nº 01 de novembro de 1967 e Lei Complementar nº 39, de 10 de dezembro de 1980, representar sejam tomadas, a contar desta data, as providências legais previstas no parágrafo 3º do Art. da Lei Complementar nº 1/67, como preliminares ao processo de transformação do Distrito de Forquilha em Município".

VIRGÍLIO TÁVORA RECEBE COMISSÃO

Uma comissão composta por líderes comunitários de Forquilha (Abelardo Cavalcante de Vasconcelos, Manoel Juarez de Siqueira, Joaquim Carneiro Neto, Anastácio Wellington Mendes Cavalcante e José Ferreira dos Reis (Vevé), teve uma audiência às 11:30 do dia 15 de maio de 1982, com o Governador Virgílio Távora para reivindicar a emancipação política do atual município de Forquilha.

A comissão adiantou que o pedido foi formalizado através de documento, onde a comissão expõe os motivos para solicitar o processo de desmembramento de Forquilha do município de Sobral, acompanhado de um abaixo-assinado com aproximadamente 1.275 assinaturas.

Depois de receber a comissão em sua residência, Virgílio Távora prometeu encaminhar a reivindicação para ser estudada pela Assembléia Legislativa do Estado. Em virtude de tratar-se de um ato puramente legislativo, fica a cargo do Governo do Estado apenas sancionar o projeto de emancipação e sua aprovação é processo lento, explicou Virgílio.

Os líderes forquilhenses resolveram requerer ao Estado a sua emancipação, porque se paga muito imposto e pouco se tem recebido em forma de benefícios. O Distrito precisa de escolas de 1º e 2º graus, de assistência médica e odontológica e de outros benefícios.

Acreditávamos no êxito da campanha uma vez que atendíamos a todos os requisitos exigidos por lei. Além disso contamos com a sede do Perímetro Irrigado Forquilha (DNOCS), um açude com capacidade para 50.132.000m³ dágua, bem como uma fábrica de castanha de caju responsável pela extração de óleo do citado produto.

NOTA (1)

Já em 1963, de acordo com a Lei Governamental do Governo Estadual, Virgílio Távora, de nº 6.909, Forquilha foi desmembrada do município de Sobral durante 17 dias, tendo naquele período recebido o nome de Francisco Monte, em homenagem à pessoa do ex-deputado federal Francisco de Almeida Monte.

NOTA (2)

Sendo Abelardo Cavalcante o principal líder do movimento em favor da criação do município, e entrevistado pela jornalista Silvana Frota defendeu que o nome do novo município deveria ser mudado para TIMBAUCINA, cuja origem estaria nos nomes dos rios que formam a "forquilha": Timbaúba e Oficina. As águas desses dois rios desembocam no atual Açude Público Forquilha.

RESPOSTA DO IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

Consultado, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) encaminhou a resposta à Assembléia Legislativa, dando conta de que Forquilha no município de Sobral, possuía 11.573 habitantes, atendendo assim a um dos requisitos previstos em Lei para a emancipação política de um distrito. (A Lei exige um mínimo de 10 mil habitantes).

O primeiro passo estava dado.

Em seguida a Secretaria da Fazenda informa que a renda do Distrito de Forquilha é da ordem de 7 (sete) milésimos da renda estadual. (O exigido por Lei é de apenas 5 (cinco) milésimos).

O Tribunal Eleitoral informou que Forquilha possuía cerca de 4.912 eleitores, o que cumpria a Lei, que exige somente mil eleitores para se tornar município.

Finalmente, só precisávamos promover o Plebiscito, cuja exigência era a de que 50% dos inscritos eleitores mais um votassem favoráveis à criação do município.

FORQUILHA TEM DIREITO DE SER MUNICÍPIO

(Pe. Gonçalo Pinho Gomes)

O processo evolutivo dos seres supõem certas condições. Isto é válido tanto para o animal irracional como para o homem.

No início da vida, o ser precisa de proteção para se desenvolver física, social e espiritualmente.

A criança, o adolescente, o jovens reclamam a todos instantes este apoio. Pais e educadores jamais poderão deixar de recorrê-los com orientações firmes e sadias. A omissão dos responsáveis pela formação da juventude tem lançado na marginalização muitas pessoas.

O apoio, a ajuda dos pais e educadores não se devem confundir com paternalismo. A orientação deve ser dada de tal modo que o educando possa escolher o seu caminho, tomar as suas decisões, assumir a sua vida.

O que foi dito até aqui para o indivíduo vale igualmente para a comunidade.

Uma comunidade nascente necessita de recursos, de diretrizes, de apoio para progredir. Este impulso inicial deve-lhe ser prestado por comunidades maiores, principalmente, por aquelas a quem está unida por laços de dependência política, econômica e cultural.

Certas comunidades atingem um tal grau de desenvolvimento que chegam a reclamar a sua emancipação. É um direito que não lhes pode ser subtraído.

O filho maior, com situação econômica definida, com amadurecimento psicológico, deixa a casa de seus pais para constituir seu lar e organizar sua vida. Assim também um distrito, com todas as condições exigidas pela lei, pode reivindicar seus direitos de auto-determinação.

O pai deve negar apoio ao filho que deseja assumir sua vida própria?

É óbvio que não.

O município deve negar apoio ao seu distrito capaz de se organizar e assumir seu destino?

Penso que não.

Então chegou a hora de uma conversa franca e leal. É o momento do diálogo sincero.

Forquilha está desejando tornar-se independente de Sobral. Quer como muitas outras comunidade até bem menores, tornar-se município. Tem renda, tem população, tem eleitorado, tem número de casas. Satisfaz às exigências da Lei.

Que lhe falta ainda?

Falta-lhe o apoio da comunidade maior: Sobral. É este apoio que não poderá ser negado.

O povo de Forquilha espera que Sobral se manifeste favoravelmente, através de suas legítimas lideranças políticas e comunitárias.

A justa reivindicação dos forquilhenses aguarda uma resposta positiva, principalmente, dos nossos deputados estaduais, federais, do Senhor Prefeito Municipal de Sobral, dos vereadores de nossa Câmara, de outros líderes políticos e de todos aqueles que, de algum modo, possam contribuir para a criação do município e tornar-se uma realidade.

*(Matéria publicada no CORREIO DA SEMANA)

PLEBISCITO EM FORQUILHA

Aos 8 dias dos mês de janeiro de 1984, foi realizado o Plebiscito de Forquilha, quando povo forquilhense se posicionou favoravelmente à criação do município.

O quórum necessário para a validade da consulta plebiscitária foi atingido legalmente.

Dos 4.941 eleitores inscritos, compareceram às urnas 3.318. 3.061 votaram no SIM, 111 sufragaram o NÃO. Havendo 78 votos brancos e 68 nulos.

O Plebiscito de Forquilha foi bem sucedido; não houve nenhuma ocorrência de impugnação de voto e nem de urnas. Enfim tudo ocorreu normal.

Vitoriosos, os membros da comissão e o povo em geral promoveram uma passeata pelas ruas da nova Cidade, chegando até ao povoado de Trapiá, onde foi realizada uma grande concentração na Praça da Igreja.

A mobilização do Plebiscito de Forquilha foi feita por Abelardo Cavalcante, desde a formalização do processo até o dia da realização da consulta plebiscitária.

Iniciou, primeiramente, fazendo discursos, palestras, propagandas. nas ruas, nas praças, levando ao povo a mensagem de que deveríamos aprovar a nossa emancipação política, por ocasião da consulta plebiscitária.

NOTA

Episódio desagradável e injustificável, considerada uma atitude impatriótica, ocorreu durante a campanha do Plebiscito, quando os trapiaenses Domício Pereira, vereador da Câmara Municipal de Sobral, e seu irmão Javan se posicionaram contra a emancipação política de nosso Distrito, incentivando o povo a não comparecer às urnas para votar.

Felizmente, por ser um povo esclarecido e ansioso pelo progresso não se deixou levar pelo desejo inexplicável de seus ditos "representantes"; foi às urnas e deu o SIM ao progresso. Demonstrou o povo trapiaense a sua maturidade política.

Atualmente, Trapiá é o único distrito de Forquilha.

INDEPENDÊNCIA COM HUMORISMO

País que se preza tem um animal como símbolo. Assim é que os Estados Unidos tem a águia, que por sinal era símbolo dos romanos. A Rússia tem o urso, e assim por diante. E o Brasil? Nenhum. Mas, Forquilha já tem seu símbolo e está devidamente empenhado em cedê-lo ao Brasil. A campanha já foi lançada no dia 12 de junho de 1982 (dia dos namorados).

O símbolo de Forquilha surgiu durante uma grande manifestação, quando foi organizada uma passeata pelas ruas montado no nosso jumento ARMAGEDEON; mostramos que não éramos Pedro I, mas à beira de um riacho (que não era o Ipiranga) erguemos a nossa "peixeira" e demos o "grito de independência" de Forquilha.

Entendido o gesto de independência, o povo o acompanhou às ruas gritando: "Forquilha vai ser cidade"; "Chega de sermos oprimidos"; "Chega de sofrermos"; "Somos de hoje em diante um povo livre"; "Abelardo Cavalcante, Dom Pedro I de Forquilha"!

O gesto cívico do povo de Forquilha foi decisivo, porque reconheceu as condições de lutarmos pelos nossos interesses e construirmos nosso próprio progresso.

No entanto, se o Brasil necessitar de um símbolo que represente o trabalho, aí está o "jegue forquilhense".

FORQUILHA
(Descrição)

NOME

O nome de nossa terra foi adotado após ser observado que os rios Timbaúba e Oficina formavam uma **forquilha**, dando origem ao Rio Madeira. No local do encontro dos rios foi construída a principal barragem do Açude Público Forquilha, de propriedade do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), e, posteriormente, surgiu a povoação que recebeu o mesmo nome; chegou à condição de Vila no dia 1º de maio de 1933.

EMANCIPAÇÃO POLÍTICA

O Município de Forquilha foi criado pela Lei nº 11.012, de 5 de fevereiro de 1985, sancionada pelo Governador do Estado do Ceará, Luiz de Gonzaga Fonseca Mota. Publicada no Diário Oficial do Estado do Ceará nº 14.013, de 6 de fevereiro de 1985.

Portanto, Forquilha é cidade desde o dia 5 de fevereiro de 1985.

LOCALIZAÇÃO

O Município de Forquilha está localizado a 208 Km de Fortaleza, Capital do Estado, e a 18 Km do município de Sobral.

Geograficamente está situado entre os meridianos 40º143"3' e 40º18"39' de longitude, a oeste de Greenwich; e os paralelos de 30º43"9' e 30º44"3' de latitude sul e acima do nível do mar 70 m.

Limita-se: ao norte com o município de Santana do Acaraú; a leste com o distrito de Aracatiaçu (município de Sobral); ao sul com os municípios de Santa Quitéria e Groaíras e a oeste com o município de Sobral.

AÇUDE PÚBLICO FORQUILHA

Este açude apresenta três barragens: uma principal, medindo 269 metros de extensão; uma auxiliar, medindo 135 metros e uma suplementar, medindo 120 metros.

O Açude Forquilha tem capacidade de armazenar 50 milhões de metros cúbicos de água, e sua profundidade máxima é de 14,50 metros. A largura do sangradouro principal é de 50 metros e do coroamento da barragem principal é de 5 metros.

Em suas margens são cultivados o milho, o feijão, a macaxeira, o jerimum, o algodão e a batata-doce.

Suas águas são utilizadas para o abastecimento da população da zona urbana e rural, além de serem irrigadas para o Perímetro Irrigado de Forquilha.

O Açude não deixa de ser também uma fonte da indústria pesqueira, proporcionando o trabalho aos habitantes do Município.

ASPECTOS FÍSICOS

Nosso Forquilha não dispõe de planície e sim de pequenas elevações. Devido a este aspecto, as ruas não são em linhas retas. As ruas atuais são denominadas: Tabelião David Ximenes Aragão, Antônio Genésio de Vasconcelos, Antônio Lourenço, Cel. Manoel Mendes Carneiro, Amália Paiva de Oliveira, Dante Valério, Capitão Diogo, Tenente Vicente Cesário, Guilherme Prado, Jornalista Vicente Loyola, João Vieira e Arcelino Monção. Suas praças atuais são: Dona Mocinha Viana, Juarez Júnior e São João. Monumentos históricos: Busto de Dona Mocinha Viana, Santo Cruzeiro, em memória das Santas Missões, realizadas em julho de 1940 por Frei Adolfo e Frei Hortêncio.

Sua infra-estrutura está em torno do Açude Público Forquilha e das estradas de rodagens BR-222 e CE-230 que ligam o Município com o Brasil e com o Estado do Ceará por meio de veículos de passeio, de cargas pesadas e de coletivos. As estradas vicinais ligam a sede do Município às fazendas, facilitando aos rurícolas o melhor deslocamento para transações comerciais com a cidade de Sobral.

POPULAÇÃO

A população de nosso Município está dividida em: urbana 6.299 habitantes; rural 5.274, perfazendo um total de 11.573 habitantes.

RELIGIOSIDADE

Quase toda a população do Município professa o Catolicismo. Nosso templo é a capela de São Francisco, que foi removida da antiga povoação de Campo Novo no ano de 1928, pelo Pe. José Gerardo Ferreira Gomes, autorizado que foi pelo Bispo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota.

O padroeiro de nossa Cidade é São Francisco, mas, na capela além de ser encontrada a imagem do padroeiro, são encontradas as imagens de Nossa Senhora de Nazaré, São José e do Coração de Jesus.

Anualmente em outubro, comemora-se em Forquilha a festa do Padroeiro, sob a coordenação do pároco Padre Gonçalo do Pinho Gomes. Padre Gonçalo tem se revelado um verdadeiro pastor, cumpridor de sua missão e o construtor da Casa Paroquial. No momento, aguarda a ordem do Bispo Diocesano para a criação da Paróquia de Forquilha.

Apesar de o Catolicismo ser a religião predominante, há outras seitas, cujos adeptos se reúnem em casas de famílias ou em templos improvisados.

SOCIEDADE

A sociedade forquilhense liga-se a dois elegantes clubes: O Club União dos Artistas Forquilhenses (o pioneiro), fundado em 13 de maio de 1956 por Benedito Holanda Cavalcante (Benuá) e o Orquídea Club de Forquilha, fundado em 19 de março de 1966 por Antônio Gomes de Oliveira (Toinho). Ambos oferecem aos associados conforto, elegância e segurança.

O ritmo mais "badalado" do momento é a Discotheque, demonstrando que nossa juventude está em dia com a dança moderna.

ASSISTÊNCIA MÉDICA E ODONTOLÓGICA

Temos um Posto de Saúde desativado e uma Clínica Dentária, cuja assistência deixa a desejar, em virtude da carência financeira.

EDUCAÇÃO

A sede do Município dispõe de três estabelecimentos de ensino: um municipal, funcionando no Centro Social Francisquinha Parente Prado; um federal, funcionando no Grupo Escolar José Guimarães Duque e um particular, funcionando em prédio próprio, o Centro Educacional Vicente Loyola. A comunidade estudantil forquilhense é de aproximadamente 2.000 alunos. Por não termos escola de 2º grau e nem de 3º, muitos estudantes forquilhenses se deslocam para estudar nos colégios e faculdades da cidade de Sobral.

COMUNICAÇÃO

A população de Forquilha é servida por uma unidade da Empresa de Correios e Telégrafos e um Mono-canal da Teleceará, que liga Forquilha, via telefone, com o Brasil e com o Mundo. Grande parte da população dispõe de rádio e televisão; alguns moradores de poder aquisitivo mais alto já têm telefone. Os jornais da Capital do Estado circulam diariamente em nossa cidade.

HABITAÇÃO

Forquilha, atualmente, possui 3.200 casas construídas, entre comerciais e residenciais. A sua maioria é construída de "taipa", uma vez que a maioria da população é de baixa renda.

40% dessas residências dispõem de água encanada e 90% dispõem de energia elétrica.

É comum em nossas ruas a escoação de água das fossas, uma vez que ainda não dispomos de uma rede de esgoto.

TRANSPORTE

Hoje, os forquilhenses podemos dizer que somos bem servidos de transporte vindo de diversas cidades brasileiras, facilitando assim um melhor deslocamento para Fortaleza, Teresina, São Luís, João Pessoa, Natal, Pará, Belo Horizonte, e outras capitais brasileiras.

LAZER

Para oferecer horas de lazer à sociedade, assim como ao incremento do turismo interno, o Balneário Moça atende satisfatoriamente à população do Município e a da vizinha cidade de Sobral, acentuadamente nos fim de semana.

ECONOMIA

A agricultura e a pecuária foram facilitadas com a criação do perímetro irrigado Forquilha pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, proporcionando trabalho a muitos habitantes da região, bem como o desenvolvimento da agricultura (feijão, milho, algodão, forragem) e da criação de gado leiteiro. Esses produtos são comercializados aqui mesmo no Município ou na vizinha cidade de Sobral.

O comércio é relativamente avançado em diversos ramos, desde produtos alimentícios ao produto industrializado. É dado um destaque especial à venda de "carne de sol" para todos os Estados do Brasil.

A indústria forquilhense é representada por duas serrarias de médio porte e por uma grande fábrica especializada na extração de óleo da castanha de caju: Fábrica Quirino Rodrigues S.A.

TRAPIÁ (Distrito)

Trapiá, antigamente, era uma fazenda. Porém, em 1938, os agricultores e pecuaristas Manoel Dias da Ponte, Francisco Pereira, Luiz Ferreira de Melo, Antônio Gomes de Jesus, Francisco Neco e Alfredo Cesário Lojola se reuniram e construíram uma capela com recursos adquiridos de esmolas. Nasceu assim Trapiá com poucas residências.

Hoje, Trapiá é considerado um povoado progressista, cujos habitantes trabalham em prol de seu desenvolvimento.

Sua padroeira é Nossa Senhora das Dores, a protetora dos humildes.

NOTAS HISTÓRICAS

NOTA (1)

O Santo Cruzeiro da Igreja de São Francisco, padroeiro de Forquilha, foi construído em 1940, por ocasião das Santas Missões. Ao redor dele muitos fiéis pagaram suas promessas, caminhando de joelhos ao seu redor pelas graças alcançadas, visto a cura de doenças. Muitos fiéis também lá colocavam imagens, que representavam milagres, feitas de madeira: pernas, braços, seios, cabeças, bonecos, etc.

A Cruz veio da cidade de Sobral em carroceria de caminhão e recebida pelos fiéis com muitos aplausos.

NOTA (2)

A povoação de Campo Novo foi demolida no ano de 1928, em virtude da construção do Açude Público Forquilha, pois ia ficar submersa pelas águas.

Mas nem tudo havia acabado, ainda ficaram de lembrança as paredes da capelinha e o pedestal do Santo Cruzeiro.

No entanto, sem a mínima necessidade, o chefe do Posto Agrícola de Forquilha Dr. Cearino Ray achou por bem demolir o restante das paredes, não deixando quase nenhum vestígio do antigo templo de São Francisco de Assis. Aquela capela havia sido fundada no ano de 1884.

Restam alguns velhos tijolos além do pedestal do Santo Cruzeiro, local onde muitas vezes a banda do maestro José Pedro animou as festas do Santo Padroeiro.

NOTA (3)

O Campo Santo do antigo povoado de Campo Novo está localizado à margem esquerda do Rio Oficina e submerso pelas águas do Açude Público Forquilha.

Este cemitério somente é visto quando as águas do açude estão baixíssimas. Foi visto nos anos: 1932, 1952 a 54, 1968, 1981 a 84.

Naquele cemitério foram sepultados centenas de pessoas, pertencentes às famílias Diogo de Siqueira, Gomes de Jesus, Loyola, Lopes e Alves Pereira. a maioría era da Fazenda Tamanduá, Sereno, Várzea da Cobra, Andreza, Cacimbinha, Timbaúba e outras localidades vizinhas.

Dos túmulos que naquela época foram construídos, ainda existem três de pé, sendo o do colonizador da Fazenda Sereno, Cesário Alves Pereira; outro

de Antônio Diogo de Siqueira, filho do português Diogo Henrique de Siqueira, da Fazenda Andreza.

NOTA (4)

As imagens existentes na nossa Igreja Católica foram doadas pelas seguintes pessoas:

São Francisco de Assis, doada pelo Capitão José Diogo de Siqueira, em 1938, em substituição à pequena imagem de São Francisco da extinta capela do povoado Campo Novo.

Coração de Jesus, por Sebastião de Abreu, em 1936, construtor dos canais de irrigação do Açude Público Forquilha.

Nossa Senhora de Nazaré, pelo saudoso Cel. Francisco Petronilho Gomes Coelho, em 1936. O doador todos os anos, no mês de novembro, festejava com os fiéis forquilhenses a festa de sua Santa protetora.

São José, por José Martins Viana, em 1981, que a cada ano promove a procissão do seu Santo protetor, no dia 19 de março.

A imagem de São Francisco de Assis foi adquirida em São Paulo e transportada de Sobral para Forquilha em automóvel. Foi recebida pelos forquilhenses nas proximidades do Alto Branco, onde atualmente forma o triângulo da BR–222 com a CE–230 que liga Sobral a Santa Quitéria. O povo de velas acesas acompanhava a imagem com destino a nossa igreja, cantando o Hino de São Francisco e soltando fogos. Foi uma verdadeira festa de alegrias e de orações.

As imagens de Nossa Senhora de Nazaré e do Coração de Jesus também foram recebidas com muita alegria pelo povo de Forquilha, juntamente com os dois doadores que se fizeram presentes ao ato religioso, junto com o padre Domingos Barreto de Araújo.

Outro evento importante na vida religiosa de nosso tempo foi a construção do forro do seu altar com a placa de cimento, concreto armado, com a ajuda de Sebastião de Abreu, considerado na época "O benfeitor de Forquilha", pois além de ter feito inúmeros benefícios à nossa igreja, também trouxe para Forquilha o Cartório de Registro Civil.

NOTA (5)

No sobradão da antiga Fazenda Sabonete, hoje Vencedora, pertencente a Casa Quirino Rodrigues S.A. encontram-se algumas peças de artesanato como sejam: tijolos de 10 quilos e telhas de 5 quilos, ambos feitos em 1880 e em 1885. Essas peças foram feitas nas olarias da Fazenda Telha e da Fazenda Gangorra pelos sertanejos José Gomes de Jesus e Francisco Braga.

Nestas preciosas peças de estima da família Quirino Rodrigues, existem letreiros escritos com letras manuscritas bem legíveis, mencionando datas e épocas em que realmente foram feitas.

Nalgumas destas peças estão desenhadas flores e camaleões. Estes desenhos foram feitos a mão livre pelos oleiros das mencionadas fazendas.

Quanto ao sobradão da Sabonete, este foi construído no ano de 1844 pelo Cel. Francisco Alves da Fonseca, o maior proprietário de terras desta região.

Informamos aos conterrâneos do presente e do futuro, que vale a pena se visitar o casarão secular, bem conservado pela família Quirino Rodrigues.

Em uma de suas salas a família conserva uma galeria de honra com retratos de filhos e netos da ilustre família.

A imagem que se tem ao visitar o sobradão é de que ali ainda existe qualquer coisa que representa os antigos moradores, que em vida passaram dias e noites, meses e anos venerando a paisagem vista pelos janelões, principalmente, na época invernosa, quando os campos estão mais verdes.

Felizmente a perenidade das coisas imortaliza a efemeridade do homem.

NOTA (6)

A "carne de sol" vendida nos açougues forquilhenses é conhecida por quase todo o Território Nacional. Este produto tem origem remota, mas nossos primeiros retalhadores, os quais nos deixaram a tradição por suas técnicas, foram: Augusto Olímpio de Siqueira, Luiz Lourenço, Adonias Gomes de Oliveira, Galdino Gomes de Oliveira, Venceslau Augusto de Siqueira (Celau), Raimundo Cavalcante de Vasconcelos, Raimundo Altino de Siqueira, Francisco Pedra Vermelha e outros.

Com a procura acentuada do produto por viajantes, os forquilhenses passaram a abater um maior número de reses por dia, e hoje são abatidas diariamente de 10 a 12 reses, quando antes só às quartas e aos sábados.

Assim como em cada cidade tem um produto tradicional (Itapajé, terra da paçoca; Cariré, terra do arroz-doce; Irauçuba, terra do queijo e da manteiga), Forquilha tem a "carne-de-sol", a qual é bastante apreciada pelos visitantes.

NOTA (7) – Tragédia

A população forquilhense viveu momentos de angústia e de tristeza, quando o céu foi coberto de fumaça procedente de um incêndio que estava ocorrendo com duas bombas de gasolina de propriedade da Gerência do Perímetro Irrigado de Forquilha (18.03.82).

De instante chegava a notícia de que o funcionário de nome Inácio Gonçalves do Nascimento e três filhos (Maria do Socorro, Erivam e Ivan) tinham sofrido gravíssimas queimaduras de alto grau.

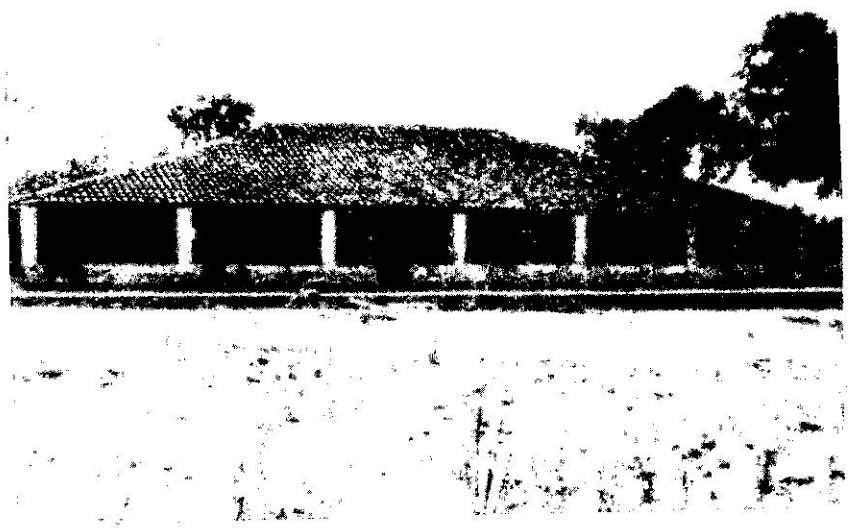
Logo foram socorridos por terceiros e transportados para a cidade de Sobral, onde receberam os primeiros socorros médicos. As condições dos filhos eram mais graves, tendo que levá-los para Fortaleza, pois na Capital há maiores recursos. Não resistindo às queimaduras, às 10:30 do dia 24.03.82, faleceu o primeiro e, antes do meio-dia, faleceram também os outros dois. Os corpos foram enviados para Forquilha. Chegaram aqui por volta das 16 horas. Houve missa de corpos presentes com a presença de muitos amigos, depois seguiram para Vila de Araras (terra natal), onde foram sepultados.

O Vaqueiro Abelardo Cavalcante de Vasconcelos, montado no seu cavalo pampa, faz lembrar a grande vaquejada de Forquilha, realizada aos (03) três dias do mês de setembro de 1961, no pátio das mangueiras onde atualmente está situado o Centro Social dona Fransquinha Parente Prado.

Casarão da Fazenda Várzea do Garrote, de José Joaquim Rodrigues, constuído em 1814.

Casarão de estilo colonial da Fazenda Tamanduá, de Lázaro Alves Pereira, construído em 1760. Nesta casa nasceu o Tenente da Guarda Nacional, Vicente Cesário Alves Pereira.

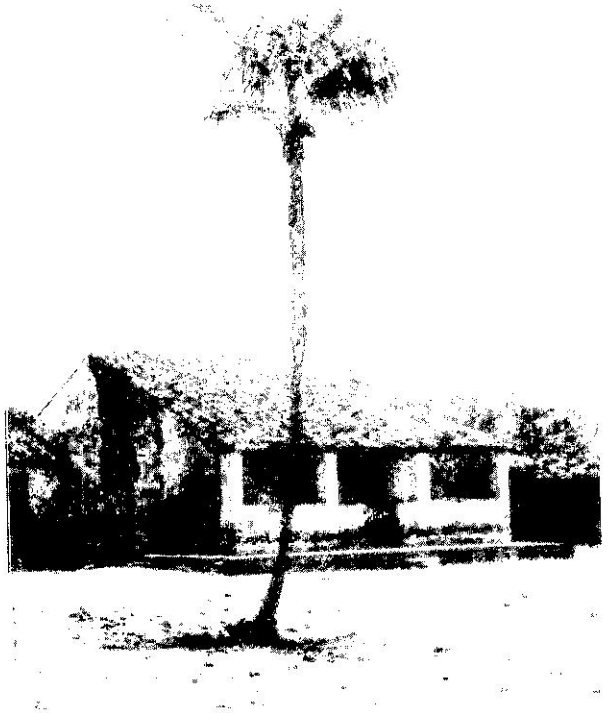
Casarrão da Fazenda Massapê, dos Vieiras, construído no Século XVIII, pelo português Sebastião Dias de Carvalho. Neste nasceu aos 27 dias do mês de maio do ano de 1891, o inesquecível Raimundo Vieira Dias, casado com Izabel Vieira Dias a 23-10-35. Nasceram também neste casarão os seus seguintes filhos: Francisca Vieira Dias, Ivan Vieira Dias, Ildefonso Vieira Dias e Izabel Vieira Dias. Destacou-se na profissão de Médico Veterinário e na de Economia, Ildefonso, inclusive militou na política como deputado Estadual pelo Estado do Piauí.



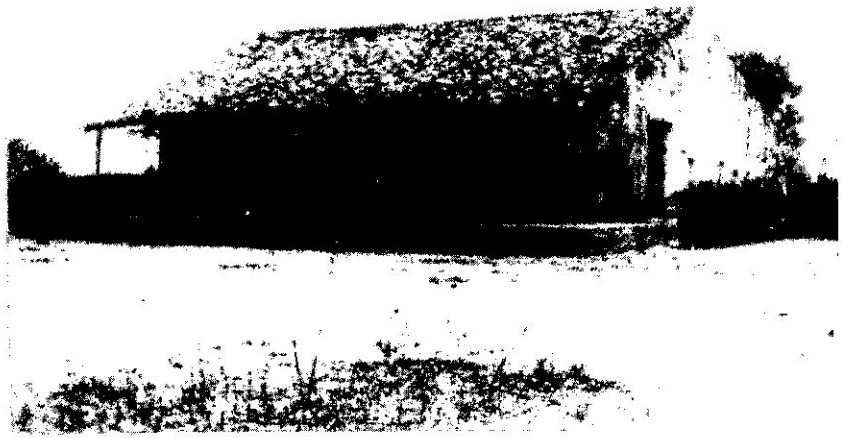
Casarão da Fazenda Ubá construído no Século XVIII, pelo "Moço Velho" Senador Paulo Rodrigues, considerado neste seculo como um dos maiores proprietários de terras no Vale do Rio Groaíras. No século atual, as terras da Fazenda Ubá pertencem à Diocese da cidade de Sobral.

Casarão do Sítio Santa Izabel, de propriedade do Cel. Francisco Petronilho Gomes Coêlho, atualmente desapropriada pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, em 1974.

Casa de Cesário Alves Pereira construída em 1860. Esta casa está quase totalmente destruída.



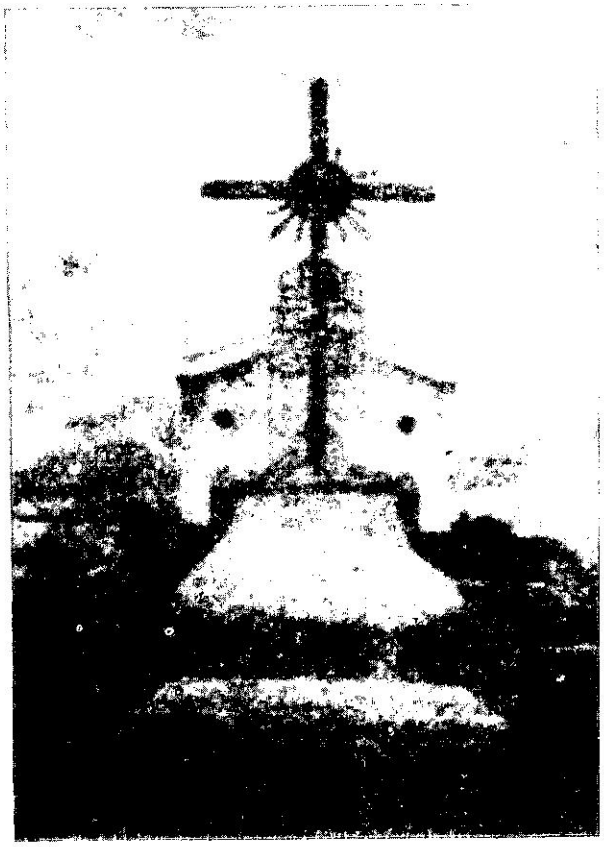
Casarão da Fazenda Amazonas de José Rufino Aragão, construído em 1880. Nesta casa o escritor Paulo Aragão passou sua infância e uma parte de sua juventude. Nesta Fazenda Paulo Aragão começou a escrever suas primeiras poesias, inclusive jornais com tipos de casca de cajazeira.



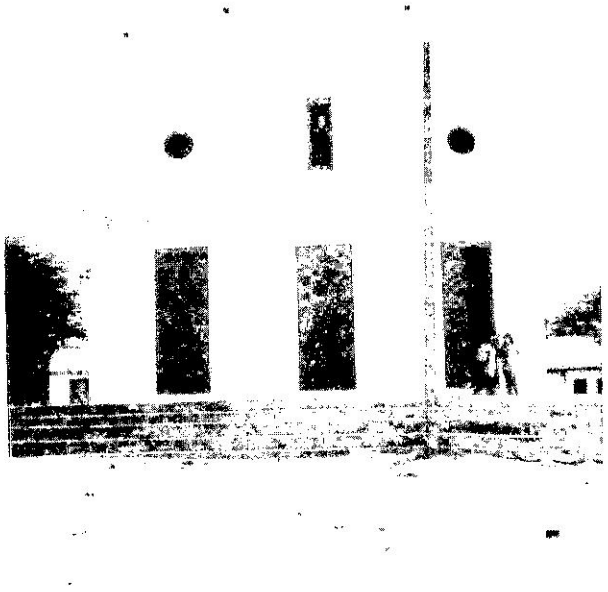
Casarão da Fazenda Caiçara Velha, de José Guilherme, e depois de João da Cruz, esposo de Dona Angelina

Casarão da Fazenda Pocinhos, construído pelo português Domingos Paiva Dias, no Século XVIII. Nesta casa o Cel. Francisco de Almeida Monte e sua esposa Maria passaram momentos de alegrias e de tristezas quando perdiam as eleições para prefeitos ou deputados. Seu Chico Monte foi um dos maiores líderes políticos da nossa região.

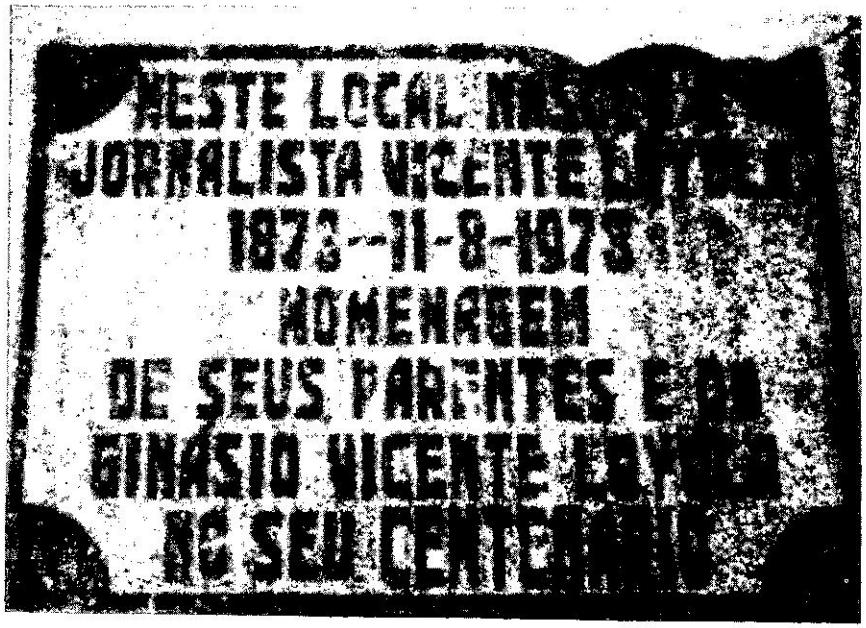
Casarão da Fazenda Juazeiro construído em 1820 pelo português Marques Pereira de Vasconcelos, que em vida explorava agrícultura e a pecuária.



Santo Cruzeiro da vila de Forquilha, construído em 1940, por ocasião das Santas Missões, dirigida pelos Freis Hortêncio e Adolfo.

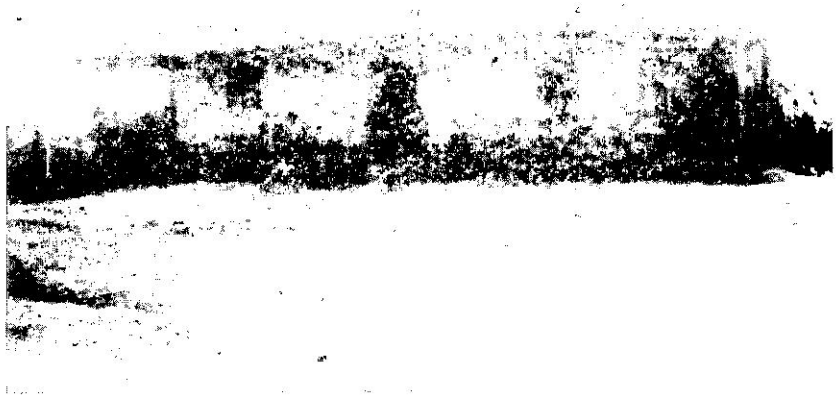


Igreja do Povoado de Trapiá, construída em 1938.



Monumento do Centenário do nascimento do jornalista Vicente Loyola, situado nas margens esquerdas do riacho jucá, na bacia do Vale do Rio Tamanduá.

Casa simples e humilde de Izaías Teodoro Rodrigues, genitor do professor em Sociologia e doutor em Ciência Política na França, Francisco José. Nesta pequena casa de taipa, Francisco José chegou com a idade de dois anos e saiu para o Ceminário Diocesano de Sobral, com a idade entre 17 e 18 anos. Esta casa está localizada às margens da estrada carroçal que liga a sede do município à Fazenda Salgado dos Mendes.

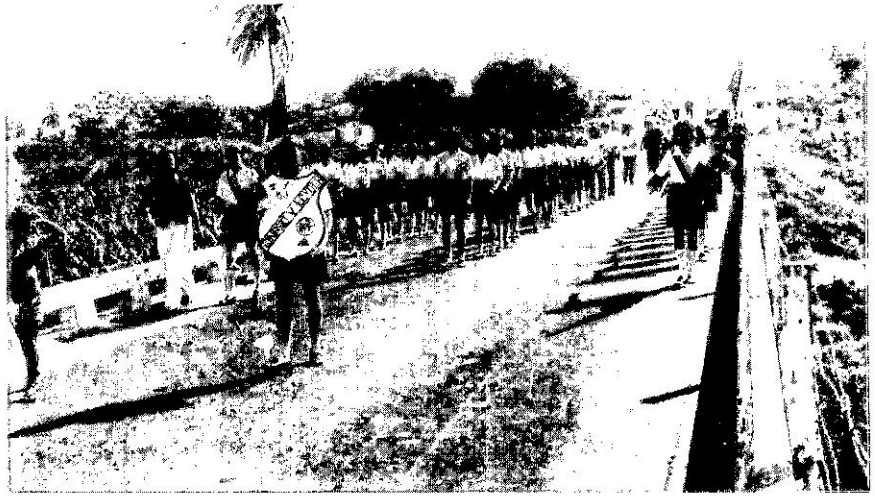


Casarão da Fazenda Olho D'agua dos Cassimiros, construído pelo português Sebastião Pereira Mattos

Casarão da Fazenda Salgado dos Mendes construída em 1900 pelo primitivo Francisco Mendes Ferreira o patriarca da Família Mendes Ferreira no Município de Forquilha.

Reunião realizada no Clube União dos Artistas Forquilhenses em 13-06-82, sob a presidência de Abelardo Cavalcante de Vasconcelos, "Líder do Movimento de Emancipação Política do Distrito de Forquilha". Da esquerda para direita: Luiz Ferreira de Melo, Joaquim Carneiro Neto, Benedito Alves de Souza (Pedro Alves), Luiz Martins Viana, Felizardo da Ponte Prado, Luiz Carlos Magalhães Martins, Francisco José Frota Prado, Mariano Rodrigues Lopes (Mauro); em pé: Rildson Magalhães Martins e Abelardo Cavalcante de Vasconcelos, que faz uso da palavra para os presentes.

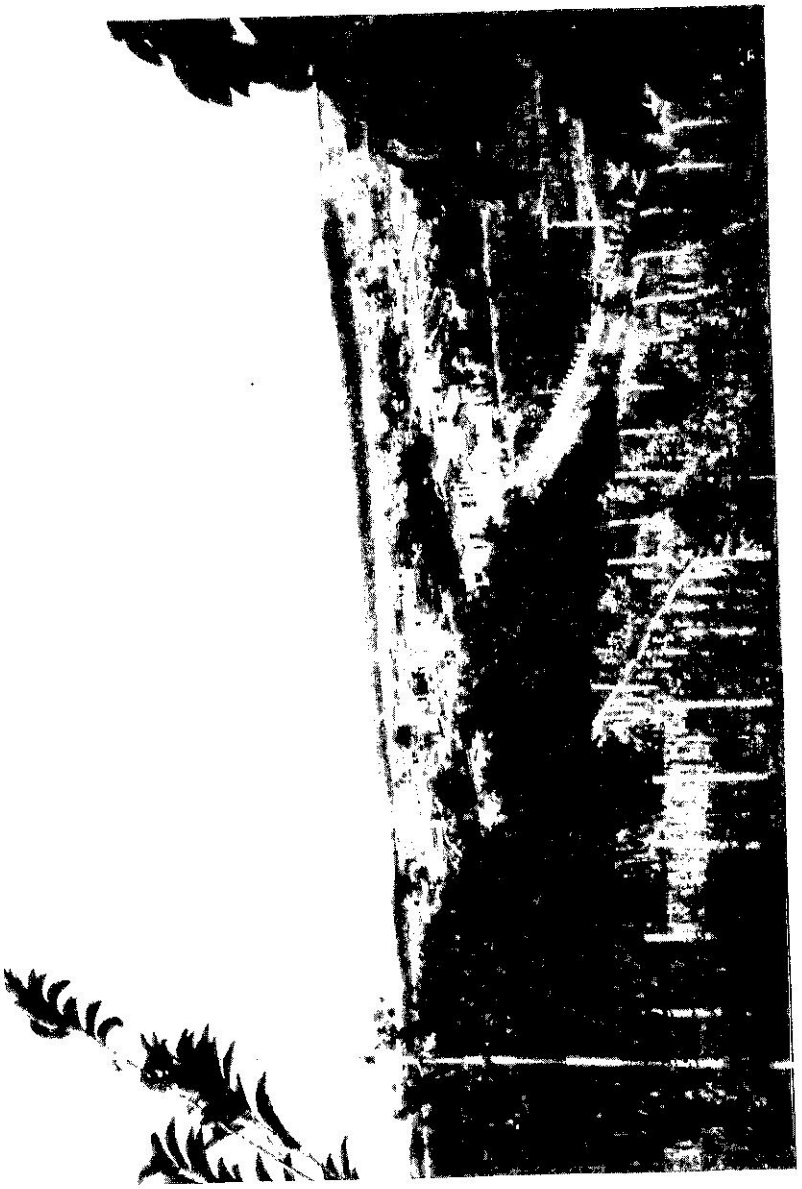
Estudantes Forquilhenses Solidários ao "Líder" do Movimento de Emancipação Política do Distrito de Forquilha, em data de 14-04-82, (Abelardo Cavalcante de Vasconcelos).



1º Desfile Estudantil do Ginásio Vicente Loyola (Ano de 1973)

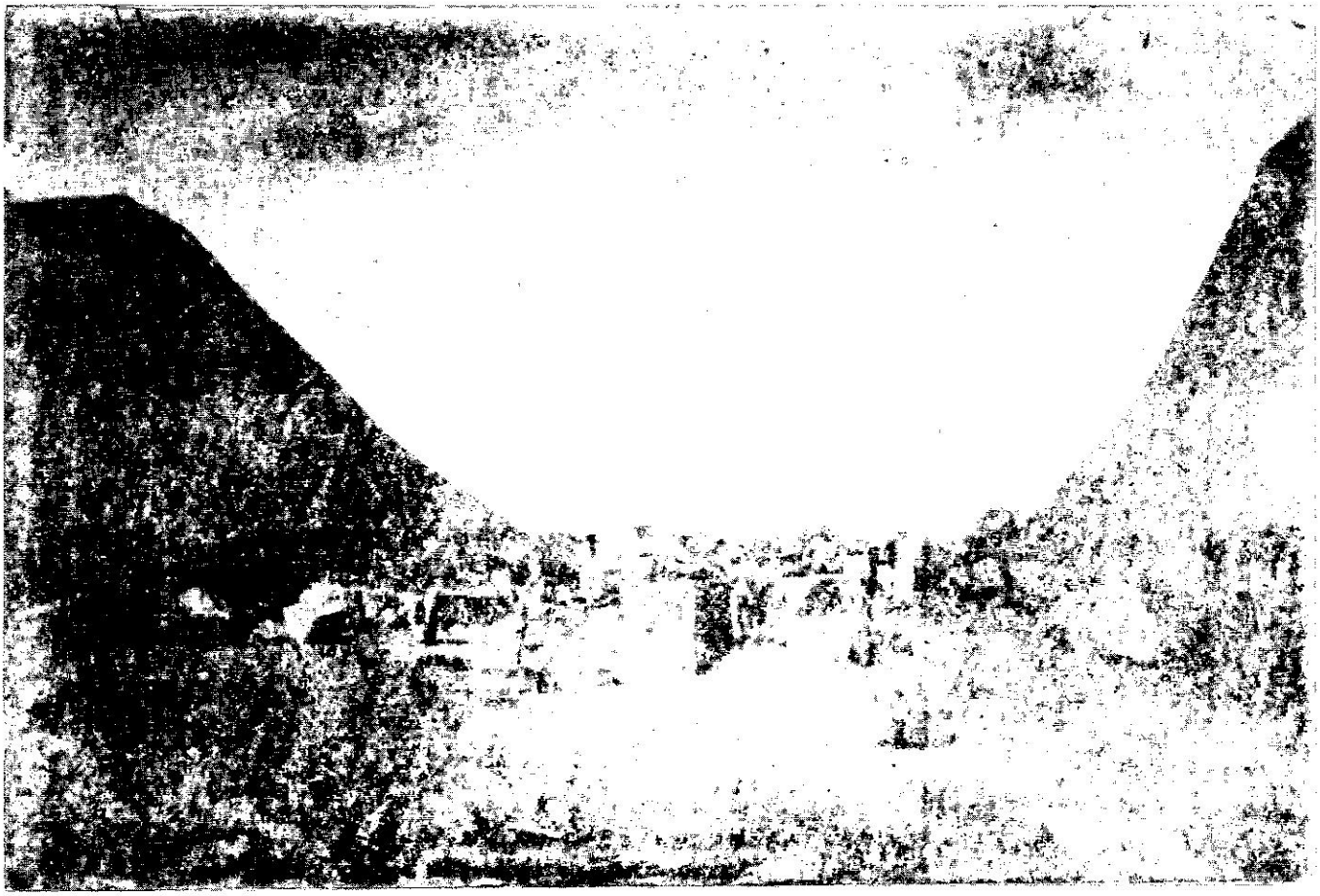
PRIMEIRA DIRETORIA DO GRÊMIO RECREATIVO FORQUILHENSE

Da esquerda para a direita: Manoel Madeira de Albuquerque, Manoel Juarez de Siqueira, Joaquim Torres de Vasconcelos, Gerardo Ximenes Prado, Antonio Gomes de Oliveira (Presidente), Antonio Sandoval de Vasconcelos, Abelardo Cavalcante de Vasconcelos, Valdemar Ximenes Prado, Amália Paiva de Oliveira, José de Oliveira, Benedito Cavalcante Vasconcelos, Osmundo Carneiro e Benedito Holanda Cavalcante. (Benuá)



Vista Parcial da Vila de Forquilha (1983)

Vista da barragem principal do Açude Forquilha em construção 1919



Vista da barragem auxiliar "A" com galeria de tomada dágua no Açude Forquilha, em construção em 1919

Sangradouro do Açude Forquilha, concluído em 1927, no Município de Sobral, Sistema do Acaraú, Estado do Ceará

Entrada principal do Posto Agrícola de Forquilha (em 14-09-1960)

Consagração do dia do pescador em Forquilha, patrocinado pela Colônia de Pescadores sediada no Acampamento do Açude Araras Reriutaba-Ceará.

Banda de Música da Prefeitura Municipal de Sobral, presente às Festividades do dia do Pescador (ano 1974)

Celebração da missa em ação de graças ao dia do pescador (1974)

Largarda das canoas nas águas do Açude Público Forquilha em junho de 1974 (Dia do Pescador)

O Povo aguarda a chegada das canoas na galeira do Açude Público Forquilha (1974)

Chegada das canoas ao pé da barragem auxiliar do Açude Público Forquilha (ano 1974)

Entrega de Prêmios ao Vencedor da Prova pelos Engenheiros Jorge Alberto e José Napoleão de Carvalho. Obs: Jorge Alberto é o que está fazendo a entrega do prêmio e de óculos José Napoleão (ano 1974)

I. PRIMEIRA ELEIÇÃO

A primeira eleição para Prefeito de nossa Forquilha querida foi realizada no dia (15) quinze de novembro do ano de 1985, representada por (04) quatro candidatos a Prefeito: – 1) Francisco Altanir Mendes de Mesquita, do Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), que apenas representou o seu partido com baixíssima votação 2) Francisco José Frota Prado do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB); esperava esmagadora votação, mas no final uma negação; 3) Francisco Aldail Prado Vasconcelos, do Partido Democrático Social (PDS), por ser representado pelo atual Prefeito Municipal de Sobral, Sr. Joaquim Barreto Lima, obteve boa votação; 4) José Antônio Dias Carneiro, do Partido da Frente Liberal (PFL), teve força total e ganhou às eleições com 1990 (mil novecentos e noventa) votos.

O Candidato do PTB, número quatorze (14) por gato denominou; O candidato do PDS, número onze (11) por cavalo apelidou; e O candidato do PFL, seu número espalhou da cidade ao sertão, pois era o vinte cinco(25), em vaca apresentou.

O Gato e o Cavalo foram pedra dura durante a campanha por se considerarem barrões, mas a pobre vaca paciente venceu com um "TOSTÃO".

Os cavalistas e os gatistas mostravam-se alegres com absoluta certeza que seu candidato a Prefeito ia ganhar da vaquinha, mas tudo ocorreu ao contrário, pois ela partiu na frente e nunca lhe acompanharam.

II. MARCHA DA APURAÇÃO

Tinha um Juiz de partida/Tinha outro na chegada/O cavalo numa raia/Com a vaca emparelhado/O gato ficou no meio/Quando baixaram a bandeira/A vaca se espantou/Deu um pulo agigantado/O gato se atrapalhou/Na raia da vaca/E a danada lhe pisou/A vaca partiu na frente/O cavalo se atrasou/Quanto mais ela corria/Mais ela se sumiço/Ele usava o dinheiro/E ela cortesia/Correndo sem paradeiro/O ponto final chegou/A vaca correu tranquila/Ninguém lhe acompanhou.

AFONSO RODRIGUES DE VASCONCELOS

Votação dos candidatos a Vereadores do P.T.B.

1. Teresinha de Jesus Marques Araújo, com 147 votos;
2. Francisco Meton de Vasconcelos, com 131 votos;
3. José Sousa Costa, com 117 votos;
4. José Arimatéia Gomes Loiola, com 114 votos;
5. Maria Concebida Braga Gomes, com 106 votos;
6. Aldenísio José do Prado, com 101 votos;
7. Antônio Edilberto dos Santos, com 87 votos;
8. Antônio Alves Maciel, com 83 votos;
9. Onete Freire Gonçalves Paiva, com 79 votos;
10. Maria do Socorro Machado Alves, com 65 votos;
11. Carlos César Martins, com 65 votos;
12. Airton de Lira Pessoa, com 47 votos;
13. Abdoral Vieira Gomes, com 28 votos;
14. Francisco Alberto Farias Linhares, com 18 votos;

Votação dos candidatos a Vereadores do P.M.D.B.

1. Francisco Evandro Gomes Prado, com 34 votos;
2. Onélio Gomes de Araújo, com 27 votos;
3. Edgar Ciríaco Ribeiro, com 14 votos;
4. José Milton Lopes, com 11 votos;
5. Antônio Rodrigues de Souza, com zero voto;

Votação do candidato a Prefeito do P.F.L.

1. José Antônio Dias Carneiro, com 1.990 votos;

Votação do candidato a Prefeito do P.D.S.

2. Francisco Aldair Prado Vasconcelos, com 1.834 votos;

Votação do candidato a Prefeito do P.T.B.

3. Francisco José Frota Prado, com 1.443 votos;

Votação do candidato a Prefeito do P.M.D.B.

4. Francisco Altanir Mendes de Mesquita, com 96 votos;

VICE- PREFEITOS:
Abelardo Cavalcante de Vasconcelos do PFL;
Raimundo Azevedo Prado do PDS;
Terezinha de Jesus dos Santos do PMDB;.
Vicente Rodrigues do PTB.

III. RESULTADO FINAL

Votação dos candidatos a Vereadores do P.D.S.

1. José Segundo, com 414 votos;
2. Raimundo Lira Pessoa, com 215 votos;
3. Tiago Alves da Silva, com 214 votos;
4. Raimundo Gonçalves Melo, com 173 votos;
5. Deusdete Albuquerque da Fonseca, com 150 votos;
6. José Ribeiro de Carvalho, com 136 votos;
7. Antônio José de Loiola filho, com 127 votos;
8. Francisco Wilson Oliveira, com 95 votos;
9. Odorico Paulo Braga, com 76 votos;
10. Everaldo Cruz de Souza, com 61 votos;
11. Raimundo Saraiva de Souza, com 53 votos;
12. Francisco Neuraci Gomes Madeira, com 48 votos;
13. Frederico Bezerra Machado, com 40 votos;
14. José Afrânio Rufino de Souza, com 32 votos;
15. Isídio Rufino de Souza, com 32 votos;
16. José Maria Fernandes, com 19 votos;

Votação dos candidatos a Vereadores do P.F.L.

1. Francisco de Lira Pessoa, com 289 votos;
2. Antônio Juve Francelino, com 221 votos;
3. Sabino Alves Pereira, com 203 votos;
4. José Gomes de Jesus, com 196 votos;
5. Otacílio Guimarães Loiola, com 194 votos;
6. Francisco das Chagas Melo Loiola, com 181 votos;
7. Manoel Juarez de Siqueira, com 94 votos;
8. Joaquim Carneiro Neto, com 88 votos;
9. Martins Francisco Vasconcelos, com 84 votos;
10. Luis Ferreira de Melo, com 67 votos;
11. Raimundo Soares Pereira, com 53 votos;
12. José Dionísio, com 50 votos;
13. Alípio Rodrigues Martins, com 47 votos;

IMPRENSA OFICIAL DO CEARÁ – IOCE